

# ô catarina!

SET. 2017 - ISSN 2318-3063

SUPLEMENTO 88  
CULTURAL DE  
SANTA CATARINA



**Artigo**

Edécio Mostaço

**Artes Visuais**

Barbara Bublitz  
Vinícius Flores

**Inéditos**

Poemas de Natasha Felix e de Alê Prade

Dramaturgia de Mirela Ferraz

Contos de Alencar Schueroff e Viegas Fernandes da Costa

Trecho de Romance de Iur Gomez

# Cartas

É muito rico interagir com as identidades artísticas de todos os diferentes brasis que existem dentro do nosso país. Santa Catarina, no entanto, parece às vezes opaca a esse olhar. E é neste vácuo que competentemente trabalha o jornal *Ô Catarina!* Parabéns à Fundação Catarinense de Cultura pelo interesse e por reunir em um lugar o que há de contemporâneo e vivo no estado e no Brasil.  
**(Giovanni Arceno é escritor, Joinville/SC)**

Queria parabenizá-los pela bela publicação do jornal *Ô Catarina!* Ótimo espaço cultural e artístico, e um dos únicos. Sou formado em História e acho importante a arte e seus meios de divulgação, em especial as escritas que sofrem com a falta de interesse visível nas novas gerações. Gostei muito dos números 86 e 87.  
**(André Corrêa é professor de história, Joinville/SC)**

São cada vez mais raros os espaços de divulgação e reflexão sobre as artes e a cultura, sobretudo aqueles vindos do poder público. Por isso, há que se louvar que um periódico como *Ô Catarina!* permaneça sendo publicado e distribuído regularmente. Destaque-se também a diagramação, a qualidade e a amplitude dos textos, a força das imagens que fazem com que cada número seja melhor que o outro.  
**(Rubens da Cunha é escritor e professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, São Félix/BA)**

O retorno d'*Ô Catarina!* devolveu-nos um veículo democrático dedicado às artes. É imprescindível que um território (geográfico ou imaginário) tenha um recorte que valorize a produção local e os seus desdobramentos, sem deixar de ter um olhar global e sobre as questões contemporâneas, algo que este jornal tem conseguido. Um parabéns à equipe!  
**(Carlos Henrique Schroeder é escritor, Jaraguá do Sul/SC)**

# Editorial

**E**m um momento no qual o jornalismo cultural define nos jornais de grande circulação, manter *Ô Catarina!* como um espaço vivo e agregador da arte e da cultura catarinense e brasileira parece ser pouco. No entanto, a cada edição, temos a sensação contrária e a convicção de que muitos mundos se apresentam nestas páginas. E isso nos parece muito.

Não são poucos os exemplos na história da arte que denotam um explícito conflito entre o poder público e os artistas. A maioria esmagadora do embate se dá, sobretudo, por uma ausência de sensibilidade dos gestores públicos à natureza da produção cultural e artística. Nesse sentido, a Fundação Catarinense de Cultura trabalha, no atual contexto, para diminuir tal prática e crê na construção de um diálogo profissional, maduro, horizontal e respeitoso entre artistas e gestores culturais. A retomada e a regularidade d'*Ô Catarina!* consiste em uma prova evidente desse movimento institucional.

Com um olhar plural e atento às múltiplas linguagens, neste número, o leitor poderá apreciar, nas artes visuais, os trabalhos da jovem Barbara Bublitz e do artista Vinícius Flores. Na literatura, poemas inéditos de Natasha Felix e Alê Prade, contos de Alencar Schueroff e Viegas Fernandes da Costa, além de um trecho de romance inédito do cineasta e escritor Iur Gomez. No teatro, uma dramaturgia inédita da jovem atriz e dramaturga Mirela Ferraz. No campo da filosofia da arte, texto do professor e teórico na área da estética Edécio Mostaço, e, no cinema, Pedro MC conversa com Sylvio Back sobre a trajetória do cineasta catarinense.

Todos os trabalhos que figuram ao longo das vinte páginas são inéditos. Que o leitor tenha bons encontros com as manifestações artísticas aqui apresentadas. Boa leitura!

**Rodolfo Joaquim Pinto da Luz**

Presidente da Fundação Catarinense de Cultura

## EXPEDIENTE

Governador do Estado de Santa Catarina / João Raimundo Colombo  
Vice-governador / Eduardo Pinho Moreira  
Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte / Leonel Pavan  
Presidente / Rodolfo Joaquim Pinto da Luz  
Diretora de Difusão Artística / Mary Garcia  
Diretora de Patrimônio Cultural / Vanessa Maria Pereira  
Diretora de Administração / Márlis Lorensetti  
Consultor Jurídico / Rodrigo Goeldner Capella  
Consultor de Projetos Especiais / Marco Anselmo Vasques  
Assistente da Presidência / Sidney Gaspar de Oliveira  
Assessor de Comunicação / Marcos Espíndola  
Gerente Operacional / Dejair de Oliveira  
Gerente de Administração, Finanças e Contabilidade / Ozeas Mafra Filho  
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Projetos / Ivan Carlos Schmidt Filho  
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Marketing / Melissa Rodrigues  
Gerente de Patrimônio Cultural / Halley Filipouski  
Gerente de Pesquisa e Tombamento / Tatiana Búrigo  
Gerente das Oficinas de Arte / Fabricio Mattje Gwosdz  
Administrador do Museu de Arte de Santa Catarina / Josué Mattos  
Administradora do Museu da Imagem e do Som / Ana Ligia Becker  
Administradora do Museu Histórico de Santa Catarina / Maria José da Costa Brandão  
Administrador da Casa dos Açores Museu Etnográfico / Vitorio Fretta Colossi  
Administradora da Casa de Campo do Governador Hercílio Luz / Graciela Bratfisch Weiss  
Administradora do Teatro Álvaro de Carvalho / Eliza Docena  
Administradora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina / Patrícia Karla Firmino  
Administradora do Centro Integrado de Cultura / Alizandra Oliveira  
Administradora da Escolinha de Arte / Alessandra Ghisi Zapelini  
Museu Nacional do Mar / Marina Bruschi  
Responsável pela Casa da Alfândega / Adriana Aparecida de Brito  
Secretário Executivo do Conselho Estadual de Cultura / Rosivaldo Flausino

SUPLEMENTO CULTURAL DE SANTA CATARINA - 88 - [Ô CATARINA]

Setembro de 2017

Editor / Marco Vasques

Assistente Editorial / Marcos Espíndola

Conselho Editorial / Alberto Heller, Amilcar Neves, Celso Braidá, Chico Faganello, Marco Vasques, Marcos Espíndola, Nini Beltrame, Péricles Prade, Sandra Meyer, Sidney Gaspar de Oliveira, Rubens da Cunha

Colaboradores desta edição / Alê Prade, Alencar Schueroff, Barbara Bublitz, Edécio Mostaço, Iur Gomez, Mirela Ferraz, Natasha Felix, Pedro MC, Sylvio Back, Viegas Fernandes da Costa, Vinícius Flores.

Capa / Obra de Vinícius Flores

Ilustrações / Barbara Bublitz

Revisora / Denize Gonzaga

Designer Gráfico / Moyses Lavagnoli

Impressão / DIOESC - Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina

Tiragem / 6 mil exemplares

Entre em contato:

Fundação Catarinense de Cultura

Av. Governador Irineu Bornhausen, 5600.

Agronômica - CEP: 88025-202

Florianópolis - Santa Catarina

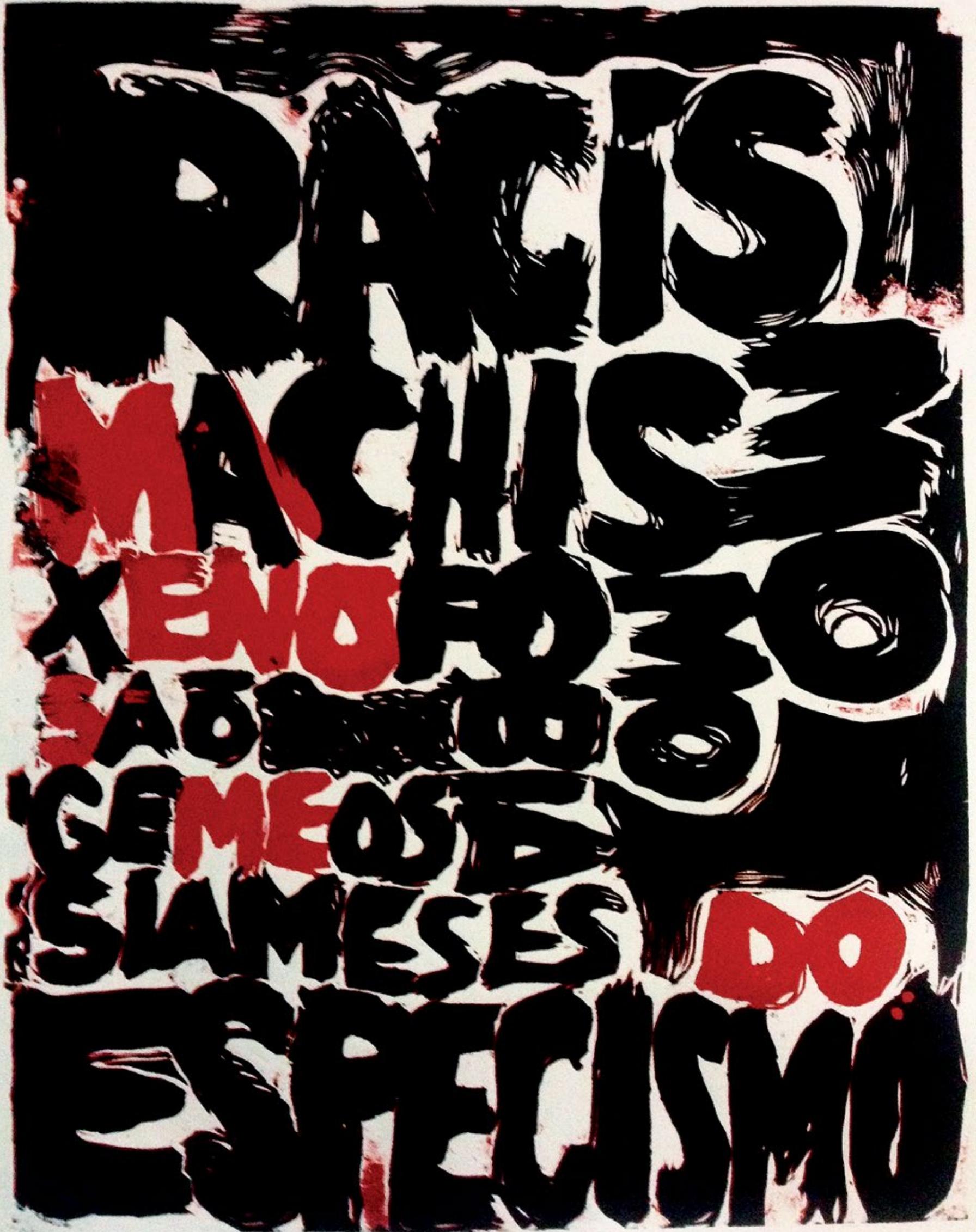
E-mail / ocatarina@fcc.sc.gov.br

Fone / (48) 3664-2680

Site / www.fcc.sc.gov.br/ocatarina

Os textos assinados são de  
responsabilidade dos autores.





# Ruminação

**N**a boca da noite, elas vinham lentas, serenas, por um caminho que não fora feito por elas, mas que ajudaram a demarcar, depois de tantas andanças. O jeito de chamá-las era não mais que um som gutural, em idioma que não se podia identificar. Som. Em verdade, vinham espontaneamente, condicionadas que estavam à rotina de receber e dar alimento, sempre à mesma hora. Pintada, Malhada, Brilhante, Mocha.

A porteira era aberta, e elas entravam no galpão, dirigindo-se cada uma ao seu curral, onde o capim picado ficava num cocho de madeira. O trato para a criação já havia sido moído cerca de uma hora antes, por um ou dois dos tios. O moedor era perigoso, puxava o braço da gente. Ouviam-se casos de verde e vermelho que se misturavam na saída da máquina.

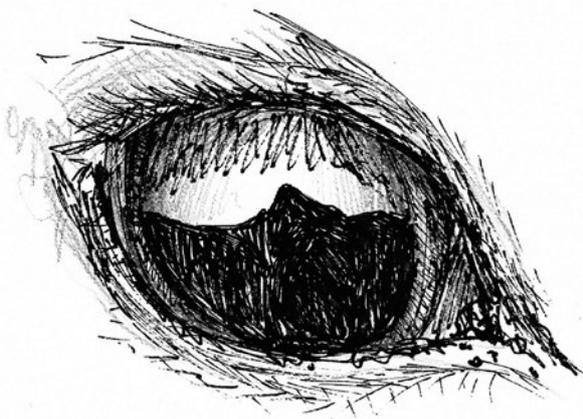
Enquanto as vacas comiam, a avó e as tias tiravam o leite, acompanhadas pelo olhar atento do menino, fascinado pelo jeito com que elas, de mãos repletas de altos e baixos relevos, manuseavam as tetas e remexiam o úbere. Era uma espécie de promiscuidade, ante aqueles olhinhos, cuja curiosidade estava à flor da pele. Mesmo estando ali em modo provisório, era patente a simbiose daquele pequeno ser com o entorno. Seus pés já tinham desenvolvido crosta dura, pela ausência de sapatos; enfrentava o vento de peito aberto; nadava no açude lado a lado com peixes de dentes pontiagudos; participava da lida com animais e plantações.

Para iniciar aquele trabalho diário, as mulheres faziam a assepsia das partes — a água jogada com força, quase mecanicamente. Uma das pernas dos quadrúpedes era amarrada sem força, a fim de evitar coice. Nó não era preciso, tamanha a resignação pela necessidade de saborear algo diferente da grama tão pisoteada de todos os dias. Baldes e baldes eram tingidos de branco, para, na sequência, iluminarem a mesa, em forma de mescla com café grosso, coalhada ou queijo amarelado. Porém, nem tudo era consumido, razão pela qual parte da produção era levada à outra margem do rio, pois a família vizinha tinha mais dificuldades e ainda mais bocas sedentas para sustentar.

Terminada a comida, as vacas saíam para ruminar nas proximidades, em satisfação desfalcada. Todas as fêmeas saíam, e o menino ficava só. Era nessa hora que ela aparecia. Vinha meio a esmo, parece que com medo de alguém tocá-la. Engraçado que era a única de quem ele jamais conseguiu lembrar o nome, apenas a cor: bege. Estava mais para caramelo, mas esse nome ainda não era conhecido dele, naquelas paragens distantes em tudo. Ela vinha comer os

restos deixados por suas colegas mais sortudas. Lambia cada canto, fresta, na esperança de conseguir algum verde. Não expelia leite como outras, pois nunca procriara. Em um dos cercados, sempre demorava mais, por causa da antecessora que não conseguia comer tudo o que a ela era oferecido, deixando boa sobra.

Bem provável a delonga fosse também por causa do companheiro de conversas. A rigor, já no aproximar-se dela, ele a recebia, dizendo “pode chegar, tem coisa aqui pra ti”. De início, meio envergonhados, ficavam um do lado do outro. Os lábios se moviam, em diálogo. Falavam de suas vidas. Geralmente ele tomava a iniciativa. Uma porção de assuntos. “Faz tempo que eles não vêm me visitar”, “É?”, “Não sei se no Natal...”, “Pelo menos você...”, “Pois é”, “E eu que...”, “Da cidade”, “Já ouvi falar...”, “Trabalhar”, “Medo”. Ele era o único que a tocava, devagar, evitando o contrapelo. Nem mesmo a ordenha, o mais simples para um ser na situação dela, ela tinha direito. Uma noite, ele precisou senti-la mais. Os afagos intermináveis já não bastavam e, com cuidado, o menino subiu-lhe nas costas.



Ela consentiu. “Pode deixar, eu cuido”. Ela sabia que sim. Nas primeiras vezes o tempo daquela união eram as sobras. Aos poucos, no entanto, ela permanecia até que a avó chamasse o menino para a janta. Ele se despedia e ia, com a promessa de, no dia seguinte, voltar. Da mesa, ele via, pela janela, que ela se demorava um tempo, antes de sair para o pasto. Acaso, esperança? Depois de banhar-se na gamela, ele adormecia, coberto por coberta de lã de carneiro. Noite adentro, não era incomum ela aparecer, ora voando, ora sentada à mesa, pedindo para alguém passar a alface e fazendo cara feia para os derivados do leite.

Há alguns dias ele vinha percebendo, nos encontros, uma magreza incomum nela, as pernas dele podiam contar costelas. “O que foi? Tudo bem?” Era justamente uma época em que duas vacas deram cria e zanzavam exibidas, pra lá e pra cá, com seus bezerras grudados nas tetas, dando cabeçadas extintivas violentas para facilitar a lactação. O menino achava que sentar

sobre a vaca era o limiar, o máximo de interferência que ele poderia exercer sobre sua companheira. Mal sabia ele o desejo que ela nutria de ser violada por um ser que sai das suas entranhas e que, em seguida, suga a sua seiva. Mas ela vinha aprendendo a se satisfazer com as coxas do menino, em qualidade de abraço.

Houve um jantar mais silencioso, cheio de frases entrecortadas dos tios. “As que...”, “Quanto?” “Não vale a pena”. Crianças sabem tanto quanto adultos. E se não sabem, percebem. O problema é que suas palavras são café com leite.

Ao amanhecer, a avó insistiu que o neto a acompanhasse em viagem à cidade, com o objetivo de comprar provisões não produzidas na fazenda. Ele aceitou, apesar de não compreender a veemência do convite que recebera. Carregando sacolas nas mãos, os dois, antes de retornarem em definitivo para casa, pararam no botequim e tomaram uma gasosa. Não obstante julgasse a bebida bem-vinda, depois de longa caminhada ao sol, uma vez mais, ele desconfiou, econômica que a avó era. Quando já estavam a poucos metros da entrada da propriedade, encontraram uma vizinha, que vinha em sentido contrário. Os assuntos começaram a render como nunca. As amigas queixaram-se, elogiaram-se, resmungaram, riram, lamentaram. Se uma delas olhasse, entretanto, para o menino, perceberia o olhar enfadonho que ele fazia, por prever que ficaria demasiado tarde para seu compromisso noturno. Intermináveis minutos foram gastos até que um princípio de chuva forçou despedidas. Os pingos engrossaram, e o menino não teve permissão para sair de casa naquela noite. Todas as janelas foram devidamente fechadas.

No dia seguinte, ainda com chuva forte e restrição de saída, serviu-se um ensopado de carne no jantar cujo aspecto parecia esquisito. O cheiro fez subir ânsia. Pedacos boiavam melancólicos por entre temperos verdes, picados em desproporção por alguém que parece ter preparado o prato às pressas. Súbita vontade de evasão manifestou-se. Na distração dos adultos, o menino saiu de casa, em direção ao moedor: gostaria de entender o gosto da comida das vacas. Roçou o dedo na lâmina, que se moveu, lentamente. Pensou que, desse jeito, não dava para cortar nada. Inseriu o braço inteiro na goela do aparelho, num gesto quase mutante. Olhou em volta, procurando a chave que ligar. A luz da noite não iluminava tanto assim. Ademais, não havia nada para picar. Ele, então, foi ao lugar onde antes ela comia as migalhas, as quais, agora, remanesciam. O menino, encharcado, colocou tudo na boca e mastigou, deitado no recipiente, em posição fetal.

*(Alencar Schueroff é professor e doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC)*

# Sal grosso

“Deve existir algo estranhamente sagrado no sal: está em nossas lágrimas e no mar...”

— Khalil Gibran

**Personas: Ana:** Escritora **Carlos:** Músico

**Mulher:** figura feminina que conta a história em terceira pessoa

**Homem:** figura masculina que conta a história em terceira pessoa.

*As personas podem vir a se misturar durante a peça, de acordo com a proposta de montagem.*

## Cena 1

*Um homem em cena. Foco de luz*

**Voz em off de uma mulher:** Ele me comia todas as noites com seus olhos tristes. E eu, atordoada pelos sentimentos soltos como um turbilhão de cavalos, aceitava teu corpo quieta. Às vezes, eu era complacente, ficava ali... quieta. Em êxtase, eu esperava a poeira deixada pelos cavalos passar. Esperava na névoa. Sozinha.

**Carlos em off:** As suas letras são salgadas, como seu suor. Eu ainda sinto o seu gosto, ele permeia do papel até a minha pele. Imagino você escrevendo: serena e longínqua. Uma janela, seu corpo e a carta. Você escreve e para, lê e relê, pensa em rasurar, mas prossegue fria e calculista em sua impulsividade.

**Carlos:** De tudo sobrou o cheiro e as dores na coluna. Eu acendo o abajur e me sento para tomar café, e aí sinto a mistura das lembranças da sua pele quente subindo forte pelas narinas, intoxicando-me em memórias. Começa leve e vem chegando poro a poro, numa limpeza profunda de sua presença em vapor. Sozinho, fico acompanhado do tempo que você suavemente encostava o lombo entre o braço da poltrona e meu ombro. Ficávamos ali, eu, o violoncelo e você, com suas costas em suor. E ali, ainda em silêncio, eu ensaiava qualquer música, porque já estávamos cansados do resto do dia, e a rotina pesava sobre a gente.

Desfalecidos, descansávamos um no outro e eu na música. O peso das semanas me tombava nas costas.

*Pausa.*

Hoje, permanece o violoncelo, a música, as dores na coluna e a memória do seu corpo que só me aparece nos inícios das noites mais quentes. Toque que me poussa em vapor e em cheiro de

suor. Porque, às vezes, sinto que não me lembro. Ou que já sou outro depois de sua passagem.

*Leitura da carta de Ana.*

*Foco de luz na mulher em cena.*

**Ana:** Querido Carlos, como vai?

Prometi que não escreveria mais. Porém, você mais do que ninguém sabe que a escrita sempre foi minha linguagem, mais do que a fala, mais do que o próprio corpo. E por isso escrevo, porque é assim que compreendo e me relaciono com o mundo. Gostaria que minha carta chegasse a seus olhos como reticências largas, de uma pausa estendida.

Das vezes como você parava o violoncelo e me olhava, como se eu pudesse adivinhar o resto da melodia. E é por isso que escrevo, Carlos: para seus olhos adivinharem as lacunas que abro por aqui, ou aquelas que abrimos juntos. Sinto que fomos criando buracos, frestas, fendas e mais fendas até abrir um imenso abismo. E cada um de um lado observava o outro, de longe através de binóculos. Um numa terra mais fria que a outra. Ilhas de névoas e solidão, como naqueles filmes antigos que a gente via a máquina de gelo. Desculpa o deboche. Às vezes é assim que sei lidar melhor com as coisas. Falando em frio, você consertou a geladeira? As comidas estavam apodrecendo mais rápido, você percebeu? Tem alguma coisa de errado com ela, não está gelando muito bem. Acho que ela é muito antiga, como a gente. Ou será que era minha percepção que via as coisas mais podres? Sim, talvez seja. Você lembra das flores, que eu tinha que trocar obsessivamente? Elas apodreciam muito rápido. Você ainda compra flores, Carlos?

O que eu gostaria de dizer é que agora voltei a tomar um pouco das rédeas do monstro que criei, minha vida. E preciso dizer, Carlos: como é bom sentir que não preciso de seu conforto, apoio e de mais nada que venha seu. Desculpe-me, Carlos, mas preciso dizer como me sinto plena sem você.

Com carinho, e já sem mágoas, Ana.

*Foco de luz em Carlos, que dança com o violoncelo numa espécie de diálogo.*

## Cena 2

*Plano da memória*

*Leitura do e-mail de Carlos para o irmão Mário.*

A leitura pode ser lida por quaisquer personas, de acordo com a proposta de montagem.

**Carlos:** Oi, Mário

Como vai? Te passo um e-mail rápido só para dizer que o mundo canta de um jeito diferente



quando se está apaixonado. O tempo passa de outra forma. Obrigado por ter me apresentado Ana. Abraços de seu irmão, Carlos.

*Leitura do e-mail de Ana para Carlos*

**Ana:** Carlos,

Não sabia que era músico. E escrevo para dizer que me sinto ainda mais extasiada ao descobrir suas canções gravadas no cd que me deu de presente. Estou muito acalentada por elas, sinto que ter te conhecido foi uma daquelas surpresas boas do acaso.

De sua amiga, Ana.

*E-mail de Carlos para Ana*

**Carlos:** Ana,

Fico muito feliz em saber que gostou. Espero que tenha chegado na última música, que é inédita. Ela foi feita para você, Ana, para o seu corpo. Esse final de semana não trabalharei e aproveito para reforçar o convite: venha me fazer uma visita, aqui é mais perto do mar. Nas noites bate a brisa marítima. Pode ser bom para sua escrita. Além do mais, gostaria de ter você por perto.

De seu admirador, Carlos.

*E-mail de Ana para Carlos*

**Ana:** Querido Carlos,

Adorei o convite e ele virá numa ótima hora. Ando necessitada da maresia. Mas o melhor será nosso encontro, de música e poemas. É claro que tentarei compor algo que esteja aos pés de suas melodias.

## Cena 3

*Narrações*

**Homem:** Carlos conheceu Ana por meio de Mário, seu irmão. Encontraram-se num sarau. Ana reclamou alto do vinho.

**Ana:** Que merda de vinho!

*Risos.*

**Mulher:** Ana estava expondo algumas poesias. Carlos detestou sua maneira de compor as métricas, aliás as não métricas. Versos livres, muito soltos.

**Carlos:** Ah, e parabéns, adorei suas poesias.

**Ana:** Obrigada.

**Homem:** Sorriram. E assim, iniciaram um diálogo com a mentira de Carlos. Conversaram a noite toda. Foram para a sacada e acenderam os cigarros. Ana contou sobre suas tentativas de como se tornar uma boa professora de português para crianças, comentou que sempre foi um desastre com a educação, mas que era aquilo que lhe sustentava. Seus poemas não eram vendidos e não tinha dinheiro e nem convite para publicação de livro. Estava no sarau para tentar divulgar seu trabalho.

**Mulher:** Carlos escutava tudo atenciosamente, às vezes desviava os olhos dos olhos de Ana, que eram muito profundos e sedutores. Numa dessas distrações, se ateu às plantas e às flores.

**Homem:** E foi ali, depois de cigarros demorados e conversas, que aconteceu a pausa do assunto. E, de fato, o encontro. Trocaram telefones. E saíram. Se encontraram numa noite de sábado num bar próximo à casa de Ana. Trocaram nomes de livros e músicas, e e-mails.

**Homem:** Carlos e Ana sentiram na nuca aquele assombro do arpejo, o princípio de um furacão, a paixão. E paixão nunca é sadia. Ela te tira a fome, o foco e te deixa a sós com a insônia em vigília pelas madrugadas, em sexo, ou em desejo inquieto. A paixão vicia, e Carlos e Ana estavam doentes. Incuráveis. Emagreceram em suas noites intermináveis. Tudo aconteceu demasiadamente rápido. Foram atropelados um pelo outro. Amavam-se num vício louco e já não conseguiam dormir separados.

**Mulher:** Ana se mudou para a casa de Carlos. Dividiam a cama, os jantares e as leituras. Pela noite, Carlos compunha. Ana se encostava em sua mesma poltrona para ouvi-lo. Carlos compunha de forma diferente. O vício por Ana o ajudava. Ana procurava emprego novamente, depois de ter saído de mais uma escola. Decidiu mudar de vida. Pensou que agora que estava, de fato, mais perto do mar poderia, enfim, escrever seu livro.

### Cena 3

Partitura do encontro na casa da praia.

Fazem picnic como se estivessem na praia. Ana e Carlos pegam uma toalha e estendem no chão. Abrem bebida.

Risadas, risadas descontroladas.

### Cena 4

*Barulhos do mar ondas.*

**Ana:** Como o mar, em suas ondas de sabor de sal, vou e volto. As escolhas se desafazem sob a visão

e navego. Sou sempre solitária.

*(Pausa).*

Se não vivesse numa insatisfação latente pela vida. Se não saísse dos caminhos certos para estradas fora de mapa. Eu ficaria.... Ficaria bem aqui do seu lado. E você me comeria todas as noites com seus olhos tristes e dormiríamos silenciados pelo suor do nosso encontro. Tem algo em mim que parte, mesmo quando estamos ali, na nossa sala. Tem um corpo passeando longe do seu vestido, escalando montanhas e subindo nas árvores para ver além. O que se esconde atrás do mar? Sempre tive essa dúvida medieval. Risos.

Eu posso ser onda, todas as vezes que sou penetrada pelas águas de sal já me sinto emprenhada. É natural como nossos corpos se encontram. A espuma branca cheia de esperma marítima bate nas minhas coxas e sobe quente dentro do corpo. Assim eu entendo o nascimento de Vênus. É quase um gozo. Saio toda molhada e branca do mar, meu amado. Lambo os dedos para sentir o gosto do sal. E me estico na areia para secar. Não quero o retorno, eu nunca quero o retorno.

### Cena 5

*narração*

**Homem:** Ana e Carlos conversavam sobre quase tudo.

**Mulher:** Pela noite esticavam-se no tapete para contar as pintas de seus corpos. A Ana toda franzina esticava-se depois sob o corpo de Carlos.

**Homem:** Pela manhã, liam e trocavam as colunas dos jornais.

**Mulher:** Carlos começou a pescar. Ficava horas fora.

**Homem:** Ana escrevia pela noite quando tinha insônia. Pela manhã, cansada de sua mesmice poética de classe média, como ela mesmo dizia, rasgava e jogava tudo fora. Escondia tudo dos olhos de Carlos. Sua menstruação atrasada, seus cabelos pretos caídos no ralo do banheiro. Escondia também seu aumento de peso, com roupas largas.

**Carlos:** Você não gosta mais de sutiã, Ana?

**Ana:** Não. A gente não tá num país livre? Então, peitos livres.

**Carlos:** Tá bem, não estou reclamando. É só uma constatação. Assim como os pelos embaixo do braço. Eles são livres também? *Risos*

**Ana:** Nossa, mais do que livres. Esses são livres e rebeldes. Que cara de deboche é essa, Carlos? Não posso ter pelo grande, não?

**Carlos:** Não é isso. Eu só não entendo o porquê.

**Ana:** Mas não precisa de motivo. Cansei e ponto.

**Carlos:** Sim, respeito sua decisão. Mas é que é estranho pra caralho. *Risos*

**Ana:** Olha, estranho é seu machismo enrustido num cara boa pinta e classudo. Comentário bem de machistinha de esquerda não é, Carlos?

**Carlos:** Tá vendo como você é...

**Ana:** Como eu sou o que, Carlos?

**Carlos:** Você distorce tudo que eu falo, Ana. Estranhei essa sua mudança... Só isso. Puxa vida. Eu te amo tanto. Reparo em você. Nas suas mudanças. Só isso. Reparo que não usa mais sutiã, assim como reparo na mudança da sua cor de tinta de cabelo. E de repente eu já começo a me sentir o provocador da discussão, cara... Só acho que sei lá. Você tá diferente. E isso me preocupa.

**Ana:** Eu estou ótima, Carlos.

**Carlos:** Não sei não, Ana. Não gosto de ver essa sua falta de ânimo.

**Ana:** Ânimo?

**Carlos:** Sim, você deixando os livros esparramados pela sala. Eu tropecei em um, aliás. Você sempre foi tão organizada. Eu morria de preocupação, lembra? Com medo de te desagradar com a minha bagunça. Estamos dois bagunceiros.

*Pausa*

**Ana:** E o que mais?

*Pausa*

**Carlos:** Ah, Ana, você sabe que falta de vaidade é um início de depressão, não sabe? Você é uma mulher esclarecida. Não sei a maneira de te falar isso, mas acho que devemos procurar uma ajuda, alguma coisa. Você sempre se cuidou muito e agora me preocupa ver esse seu estilo novo. Roupas sempre folgadas. Cabelos sempre presos. Parece falta de ânimo, sabe?

**Ana:** Sei, Carlos. Isso é culpa do pelo, não é? Se eu arrancar tudo, ah não... Melhor, se eu tingir de amarelo Joelma, tudo vai ficar bem. Por quê? Porque eu vou estar me cuidando, entrando em contato com o meu lado feminino não é isso? Olha, cansei, tá?

**Carlos:** Tá vendo, Ana, não dá pra falar com você. Ana sai de cena. Ana. (...) Ana?

### Cena 6

**Mulher:** Ana não estava deprimida.

**Homem:** Ana estava grávida.

**Mulher:** Ana estava para completar um mês e meio de gravidez. E se perguntava.

**Ana:** O que é ser mãe?

**Homem:** Ana se perguntava diariamente o que era ser mãe.

**Mulher:** Se perguntava quando colocava a roupa para lavar. Se perguntava quando lia, ou quando comia uma maçã.

**Homem:** Ana sentia que havia um bicho dentro dela. Pedindo comida e lhe tirando o sono. O bicho subia e descia dentro do corpo magro dela. Quando subia, para perto da cabeça, Ana soltava tudo em amarelo no vaso. Quando descia, Ana deitava tonta. Parecia que o bicho percorria todo o corpo da Ana.

**Ana:** O que é ser mãe?

**Mulher:** Ana sentia que o bicho estava crescendo para as extremidades do corpo. Ana sentia muito

medo. E não conseguia dormir à noite. Pausa. A verdade era que Ana não queria ser mãe.

*Plano de fundo mostrando o site de pesquisa:*

“Chás abortivos que realmente funcionem receitas!?”

Sei que muitos de vocês irão me julgar me chamar de assassina mas tenham em mente que eu nem tenho certeza sobre a gestação ainda e caso eu realmente esteja ainda estou em tempo de ficar sensibilizada e não conseguir realizar um aborto. Minha situação é realmente desesperadora, tenho 17 anos estou entrando na faculdade com bolsa total (coisa rara de se conseguir) e grávida de um garoto que fiquei enquanto dava um tempo com o meu namorado. Não tenho a mínima condição de ser mãe nesse momento e prefiro sim ser taxada como assassina por pessoas que não entendem a situação do que colocar no mundo uma criança que passaria necessidades e não seria devidamente acolhida. Muitas mulheres podem julgar minha posição mas tenho certeza que ao se descobrir grávida aos 17 anos de idade a primeira reação seria sim procurar um método abortivo. Antes que as pessoas falem que eu deveria ter me precavido: tomo anticoncepcionais a dois anos continuamente, não sei realmente como isso foi acontecer. Agora por favor, alguma mulher que saiba que ervas eu posso usar ou a receita desses chás, por favor, estou desesperada. Por favor e obrigada a quem tiver a decência de respeitar as decisões alheias e não me criticar.”

### Respostas Classificação Kelsyy

**Melhor resposta:** dá uma lida nesse link, acho que devem funcionar! <http://socionatural.blogspot.com.br/2012/02/plantas-que-provocam-aborto-iii.html>

ah, e nao ligue pra opiniões alheias, a galera que é “a favor da vida” não vai criar seu filho, carregar ele por 9 meses e nem te ajudar na gestação!

Kelsyy · 2 anos atrás

8 Aprovado 3 Reprovado 3 comentários Denunciar abuso

karla

VENDEMOS CYTOTEC.. ...TIRAMOS FOTOS NA HORA PRA VC. ENVIAMOS O MEDICAMENTO NO MESMO DIA TEMOS REFERENCIAS..... “”  
jamais compre

remedios sem data e com foto atualizadas”””””””””  
CUIDADO COM FOTOS FALSAS SEM DATA...  
entre em contato conosco.

COMPRAS PELO WHATS: 5180183548

<https://s.yimg.com/hd/answers/i/db->

319fa500244675816eaba84b848afe\_A.jpg? a=answers&mr=0&x=1453866471&s=00c-c0e749ad6bfd26d1c6aeb5e8cb2e6

karla · 9 meses atrás

8 Aprovado 0 Reprovado

“Tome 2 desses chás juntos:

38. Trifolium pratense - Trevo-dos-prados

39. Tussilago farfara – Tussilagem

40. Verbena officinalis - Verbena

41. Viburnum opulus Viburno

42. Viscum album – Visco-branco

43. Vitex agnus-castus – Agnocasto

44. Withania somnifera – Ginseng indiano

45. Jasminum officinale - Jasmin BadBoy! · 1 ano atrás”

2 Aprovado 0 Reprovado Comentário Denunciar abuso

Zelena ♡

“Oi. Tudo bom?”

Olha só eu não sei como lhe ajudar mas vou dar a minha opinião sobre isso:

Bom se vc tivesse se cuidado um pouco mais vc não estaria grávida, e primeiro certifique-se se vc esta grávida realmente faça um teste de farmacia se der negativo tente de novo porque as vezes da errado, se vc realmente estiver vá ao medico e depois conte a sua mãe( pai ) a história toda e fala que vc não tem como cuidar converse bastante se eles não puderem cuidar seria melhor para a criança nascer e até ser levada a um abrigo ou orfanato leve a criança lá e fale que vc não tem condições, mesmo vc estando na adolescencia ( fase de curtir a vida) vc deveria ter se cuidado usar camisinha. Não faça o aborto isso eh a pior coisa no mundo vc não vai parar de pensar na criança. Poxa tem tantas mulheres querendo ter filho e nao pode engravidar e vc ai querendo abortar eu sei que ninguém é perfeito mais vc deveria ter pensando primeiro antes de ter feito isso af eu tenho 11 anos e penso mais que vc !”

“Não faz isso... isso é horrível... cria teu filhoo... pq agente sempre se arrepende...” Juliana · 2 anos atrás

2 Aprovado 1 Reprovado Comentário Denunciar abuso

mauro lucio, o nosferatus

“AMIGA, NÃO QUERO JULGAR, QUERO AJUDAR, PODEMOS VER UMA COISA... TENHO UMA AMIGA QUE NÃO PODE SER MÃE... MAS, QUER MUITO SER MÃE, SE VOCÊ ESTIVER DISPONÍVEL A TER A CRIANÇA, POSSO VER SE ELA PROCURA O JUIZADO DA INFÂNCIA, OU ALGUM ÓRGÃO ASSIM E ADOTA SUA CRIANÇA... OK??? BEIJÃO AMIGA E FIQUE COM DEUS”

mauro lucio, o nosferatus · 3 meses atrás 0 Aprovado 0 Reprovado.

### Cena 7

*Carta de Carlos para Ana:*

**Carlos:** Ana,

Não sei o que aconteceu com você. O que houve? Ana, se eu não tivesse te segurado, você teria ido com a ressaca como quase foi. Tragada. Virado espuma. Escrevo agora ainda embriagado pelas ondas, mas tomado por uma fúria desconhecida de herói que fui. Ainda te tenho nos braços, tossindo. Te peguei no colo e, além do seu peso, senti a leveza de sua quase ausência. Escrevo para dizer, Ana, que senti na correnteza do mar a gravidade do amor. Como um louco ando me afogando em suas profundezas. Os seus olhos me tragam, e me sinto perdido em suas gotas de sal, suas lágrimas e suor. Por favor, Ana, sei de suas necessidades e sonhos. E de toda sua sede de vida, senti isso pulsando quando te segurei pelos cabelos, quando seu corpo estava quase desaparecendo nas ondas. E não, não te acho louca. Você apenas possui um espírito indomável. Por que foi embora, quando retorna? Deixei algumas partituras para terminar ainda. Sinto-me entalado sem sua presença. Comprei as rosas vermelhas, os botões são pequenos.

Te amo, te necessito.

Carlos.

...

### Cena 8

**Mulher:** Certa manhã, Ana saiu. Queria escrever olhando para as ondas. Carlos disse que iria um pouco depois, falou que ainda precisava acordar melhor. Ana foi na frente e resolveu mergulhar. Como se tivesse um presságio, Carlos saiu correndo para conseguir alcançar Ana em sua caminhada. Viu então sua dança com a água. Correndo e gritando, ele pegou a moça, que já estava sendo engolida pela água.

**Homem:** Depois desse dia, Ana se isolou. Disse que andava envergonhada, que até sua escrita se escondia de sua presença. Ana viu como o mar não era uma calmaria, pois, pelo contrário, era tormenta. Ana via Carlos compondo e se sentia sozinha em suas páginas brancas, pálidas e sem

vida. Carlos, que conhecia bem Ana, mas não tanto como achava que conhecia, passou a medir seus passos e seu tempo. A casa ficou pequena. Ana, sufocada por tanto e ao mesmo tempo pelo nada, fez as malas e partiu. Deixou um bilhete.

*Carta de Ana para Carlos:*

**Ana:** Querido Carlos, Creio que a brisa marítima já não me faz tão bem, ou são as paredes da casa que andam me sufocando. Estou sem ar. Deixei de respirar sozinha já tem um tempo, e você sabe. Sinto-me tão dependente de você que me esqueci como é pensar numa vida mais sozinha e livre. Sabe, Carlos, às vezes quando você sai e eu fico, eu sirvo a mesa para dois. Não é estranho? Escuto seu violoncelo sem seus dedos tocarem na sala enquanto estou no quarto. E a minha escrita? Senão é branca, é sobre você. É possível habitar os dois um só corpo? Às vezes tenho a impressão de que me diluí em você. Sabe qual é a imagem? A de um rio que corre para um mar, e vira outra coisa, que já não é ele. Será que o rio sente falta de sua identidade, Carlos? Eu sinto. E não, não estou louca, se é isso o que pensa. Voltarei, estou apenas tentado respirar sozinha. Isso também é uma espécie de trauma de um quase afogamento, do qual também preciso me recuperar.

De sua Ana.

**Homem:** Carlos passou seus dias sozinho. Às vezes recebia a visita de Mário. Ana não tinha mais dinheiro, tudo havia se esgotado. Ela foi morar com Cecília, a amiga funcionária pública que morava sozinha. Ana passou um mês cuidando da casa de Cecília, que trabalhava muito. À noite, Ana trabalhava como garçomete. Carlos ligava para Ana todos os dias, às vezes ela atendia e conversavam, outras ela atendia e só escutava os pedidos de reconciliação. Depois de um mês, Ana voltou.

**Mulher:** Moraram juntos por um ano. Ambos buscavam se conhecer em suas próprias confusões. Ana parou de escrever e voltou a dar aulas. Carlos saía em turnê e regressava, virou uma rotina. Isso fazia bem para os dois.

Em algumas noites, mas não mais com tanta frequência, Carlos tocava o violoncelo em sua poltrona, e Ana sentava no encosto para fumar repousando entre a poltrona e o ombro de Carlos.

**Homem:** Depois de um tempo, ambos foram se acostumando a permanecer cada vez mais sozinhos. E a casa foi ficando grande, cheia de espaço. A companhia do outro tornou-se supérflua. Estava cada um mergulhado no mar de si mesmo, que vivia em tormenta. Carlos compunha freneticamente. Ana dava suas aulas e voltava para a casa exausta, tomava um banho e fumava. Cada um vivia em seu tempo, que já não acompanhava o tempo do outro, eram rotinas desencontradas. Às vezes, Carlos como um louco acordava Ana de madrugada e se amavam. Mas no outro dia Ana

reclamava do cansaço e das olheiras.

**Ana:** “Parece que envelhecemos juntos não é Carlos?”

**Carlos:** “Ana, que drama”.

**Ana:** “Olha essas flores, já apodreceram. Traz outras na volta, ok? Não gosto de deixar a casa desabitada”.

**Carlos:** “Pode deixar”.

**Mulher:** Não se olhavam como antes, e tudo começou a pesar. O tempo, a rotina, e até os desejos. Já não havia espaço para os dois. A doença havia consumido tudo em sua ânsia. A paixão de furacão, o mar embravecido ficou manso. Doce, como café de vó.

**Homem:** O sal, o mar e o suor do encontro, e tudo, tudo aquilo que unia os dois corpos de paixão, se transformou numa grande e doce lagoa. Mas se amavam era certo.

Até que um dia, exausto e cheio de dores na coluna, Carlos chega de uma turnê e não encontra mais nada. Nem livros, discos, roupas ou as cadernetas, muito menos Ana. Dessa vez sem bilhete, nem carta. Apenas um retrato que ela tirou da moldura e deixou na cama. Lá estavam os dois na praia sorrindo, cheios de areia no corpo. No verso estava escrito: “quero de volta a ardência do sal”.

**Homem:** Carlos leu aquelas palavras e procurou o mar, tirou suas roupas e nu entrou na água. As ondas batiam e ele chorava. Era o sal dos olhos com o sal das águas, tudo ardente. Dentro e fora do corpo.

### **Cena 9**

*Música. Dança de Carlos com o mar.*

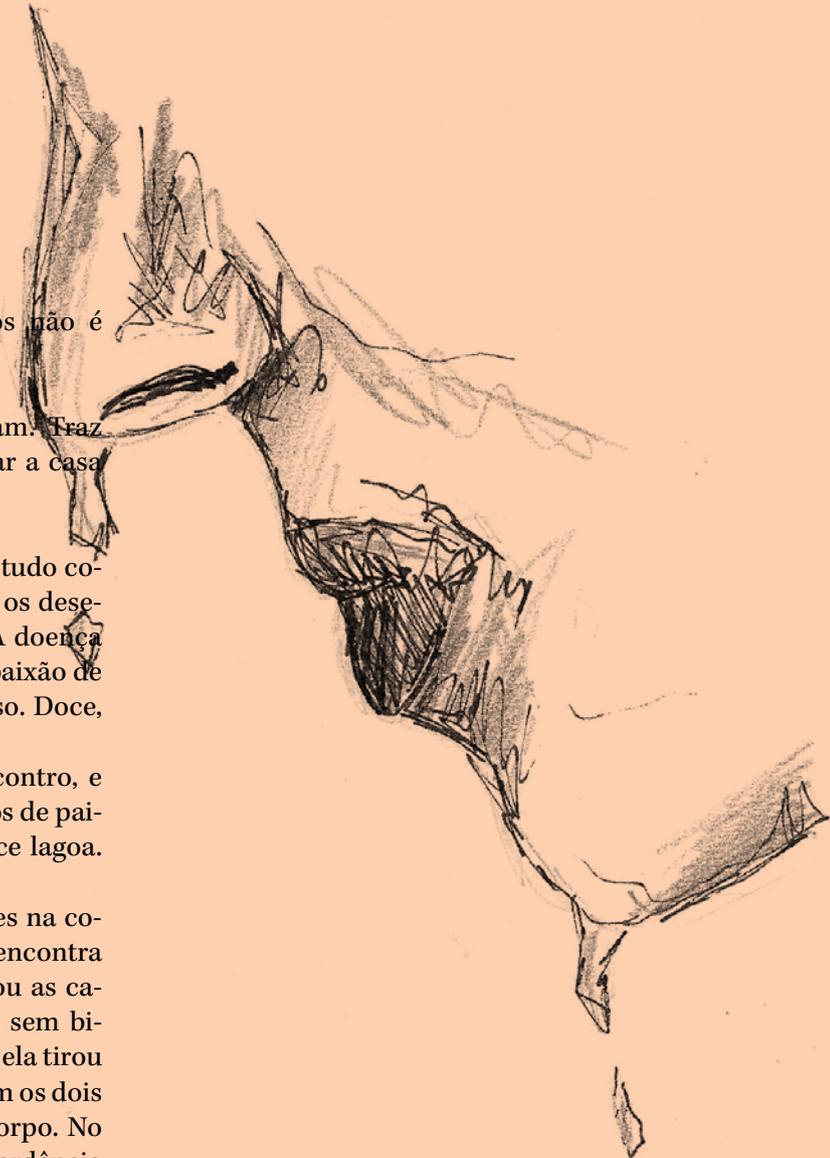
### **Cena 10**

*Plano presente: Ana,*

Li seu e-mail. Ele me trouxe as minhas lembranças esquecidas. Nossas tardes na praia, nossas noites gastas em amor, nossas discussões, enfim, muitas coisas. Suas palavras me atravessaram, Ana, e agora posso dizer que sinto saudades. Não são apenas as noites quentes, o café e a poltrona que me trazem o seu cheiro. Tudo. Tudo ganha o corpo de sua presença: o relógio, os tapetes, meu violoncelo.

Preciso confessar que sonhei com a nossa filha, aquela que tínhamos chamado de Marina. Ela era morena, tinha os meus olhos e o seu nariz. Lembra, Ana, de como já amávamos Marina? E você nem grávida estava, não é? Tudo se concebia nos nossos planos.

Pois bem, Ana, sonhei com Marina e vi ela com dez anos de idade. Era uma menina solitária, que gostava de brincar sozinha. Ela usava um vestido azul. Ela vinha do mar ao meu encontro, de fato, ela também era filha da água e do sal, marítima, como havíamos imaginado. Depois ela sentou do meu lado e repousou a cabeça nos meus ombros.



Bom, não sei por que te conto tudo isso... Na verdade, me lembrei da sua partida, daquela vez que você levou tudo e deixou apenas uma foto nossa na praia, com o verso escrito que você sentia falta do gosto do sal, e de sua ardência.

Você está mais velha, Ana, estamos. O sal em excesso não faz bem, e você sabe. Lembra da nossa paixão? Lembra como aquilo te consumia? O meu desejo era ter escrito ou falado isso depois de sua partida, que você não aguentaria mais nada salgado. O sal te machuca, te arde. Mas sem dúvida, como falou Kahlil Gibran, “deve existir algo estranhamente sagrado no sal: está em nossas lágrimas e no mar”.

Minha rotina continua quase a mesma. A geladeira nunca esteve estragada, só tem um tempo mais retardado de funcionamento. Tenho trocado as flores com frequência. As noites continuam quentes e às vezes tomo banhos de mar pela manhã antes de te trabalhar.

*Pausa.*

Caso queira me visitar, como amigos ou amantes, como desconhecidos ou íntimos, como músico e escritora, ou como um corpo cansado que busca conforto em outro corpo cansado, estarei aqui. Para qualquer uma dessas funções. Entre a janela e o mar, que permanecem abertos para teu encontro.

Com todo o amor, Carlos.

*(Mirela Ferraz é atriz, dramaturga, São José/SC)*

# A flor das laranjeiras

(recortes de um romance em curso)

**A**o limiar da madrugada, desperto de súbito assentado sobre a algibeira, e o azedume marinho se mistura aos odores enjoados do cais, tudo em convulsão. Avisto o largo e os casarios no entorno alumiados por toscas lâmpadas disformes, candeeiros acesos, foguinhos de chão. Nas paredes de tons escarlecados dormita silêncio pavoroso, e sombras escorrem ao embalo assoviado da música descontraída de cantorias, o pobre-diabo dança com a anã trajada em vermelho, gatos no telhado, a lua em riso vago e as estrelas.

A segura nos lábios se alenta no sereno, a nuca entorse em dor, sento entorpecido nas caixas que me servem de leito, e meus pés, castigados pela jornada, vasculham em vão pelo chão árido dessa terra em busca das botinas que me calçam e as encontro nos pés de um pobre-diabo que declama, em desvario de poemas soltos de sílabas díspares, as desavenças do mundo em sua *Trágica de Elesbão para aquarela e aguada*.

Dois músicos performáticos e uma anã que dança em pontas lhe acompanham na paródia. Marcado por um surdo e uma guitarra de cordas frouxas, intercala a fala à procura de ouvidos que lhe atentem. Seus olhos parvos me alcançam, sem parcimônia me cumprimenta num gesto longo dobrando os joelhos, movimentando um dos braços em lisonja, enquanto o outro é recolhido para trás e me confunde se se trata de saudação ou gratidão pelo empréstimo. Aponto para minhas botinas e abre um sorriso largo, e exhibe as gengivas nuas e o incisivo inferior que restara, ao riso desconcertante move o corpo de um lado ao outro num bailado patético. Dá início a um sapateado fazendo estalar o solado de couro na calçada de pedra, para de súbito e, imperioso, discorre detalhes dos desatinos que é próprio de gente morredoura e me acusa de encerrar Elesbão nas entranhas do diabo, o anti-herói desse épico de improviso, devorado a garfadas seguidas de largos sorvos de vinho. Ri desbaratado caçoando de minha sorte. Me levanto de vez e, descalço, avanço em sua direção disposto a recobrar os pares que me pertencem. No caminho há pedras, pedrinhas, pedaços de porcelana que me espinham a sola à dor repentina: um prego encrava a carne e penetra dilacerante que me leva ao chão em dor, de súbito, e a fenda explode em sangue. Meus lábios tremem em gemido, os olhos umedecem, minhas mãos se enchem de sangue e as dores rebentam na face, o grito se encolhe rangido nos dentes, estremeço, o chão úmido e frio me desconforta, e o pobre-diabo ri, debochado,

acompanhado pelo fole que sopra agonizante, e a anã me provoca no bailado.

[...]

Tivesse me recolhido, de improvável ocorrência, atalharia essas rugas que se ocultam nas penumbras, meus pés feridos, descalços, e o sono que me parece, sempre, escasso. Antes tivesse sossegado nas eiras dos erebangos e despertaria no colchão de palha de infância, o sol se espalhando na campina acendendo as gotículas das manhãs presas às ramas rasteiras, e o galo na ponta dos pés anunciando o dia. Deixei aqueles campos na serra por leite e aventura, um desamor em curso e o desejo atávico de saber o que havia além e acolá lá fora no dito mundo. A rotina que exaure impele o espírito aos desvios, um risco, não bastavam as rodadas de truco e manilha, o jogo da mora, a bocha, as caçadas de perdiz, era preciso me empreitar numa campanha de horizonte incerto e ideias imprecisas, ou vice-versa, que diferença? Provável que incerteza e imprecisão mais pela simplicidade que me afeta que pela sofisticação do horizonte de ideias.

[...]

Indiferente à sorte, tomei o destino dos destemidos e desavisados, não por descaso, mas distração. Aceno em despedida e a passos tortos rumo à direção da Bulha, no Menino-Deus, nas margens daquela baía, tão ali, distante. Aos poucos me afasto desse sítio de traçado urbano, o porto, o espaço da feira e o prédio da Alfândega deslembados por ora.

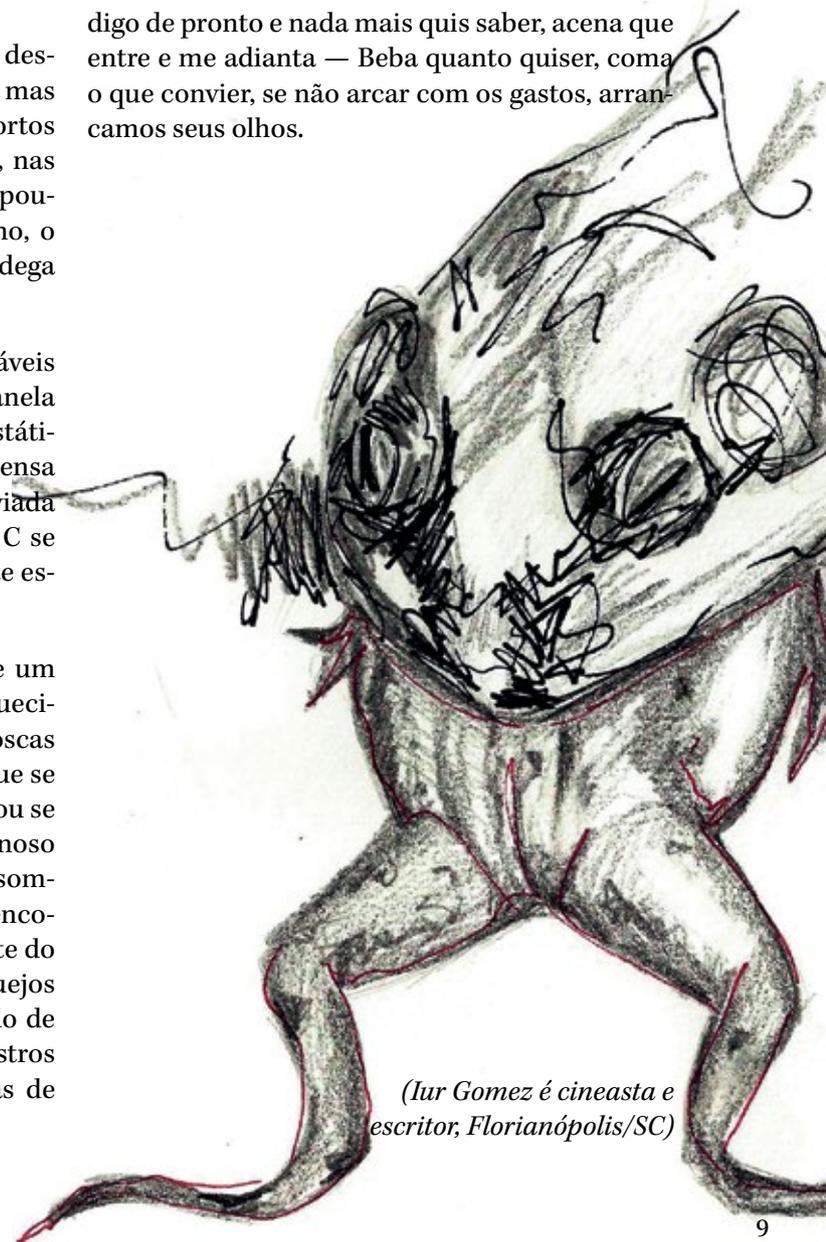
Venta rasteiro, lufadas quentes e instáveis socam a veneziana do último sobrado, da janela um homem me acompanha, sua imagem estática visita o vazio do mundo dentro e me adensa seu angustiante desamor. A milonga assoviada permanece, fugaz, de memória, e a lua em C se assenta à ocidente. De resto é silêncio e noite escura.

Salto o vau da Bulha e distingo o pé de um muxoxo esfolado, atolado na margem, esquecido. Ratos em restos de crânio, zunidos de moscas e uma palavra chiada que não distingo do que se trata, se ainda da música que me assombra ou se alguém que me alerta. Deixo o mundo luminoso e adentro na direção do breu, o cinza das sombras, e avanço para além das ravinas que encobrem a encosta. Marulho, maresia e o rasante do socó, alardeiam as proximidades. Caranguejos e tatuíras mergulham em suas tocas quando de meus pés descalços sulcam na areia os rastros dessa passagem logo engolidos pelas águas de

maré vazia, grãos me coçam a sola se prendendo no vão dos dedos. Me agarro a algibeira, alcanço as pedras na dobra da curva, quando avisto uns lumes de intensidade diabólica e vozes que bramam, algazarra e balbúrdia, um velho fole sopra suas notas cansadas, convidativas, dali, de baixo, como um convite assustador, mas um convite. E aceito.

[...]

Ao tempo que o vento zune lamentos metafísicos e prenúncios agourentos de suas andanças mundanas, lancinante como almas desvairadas que despertam desatinadas, dialeto dos infernos, nesta terra em que tudo é fim, nada para sempre. Como me foi dito — Depois da Bulha, da penumbra e da curva na sombra, lá no abismo, agarra da às pedras, a taberna do Azevedo. Avistei com certo alívio seguido de um frio cortante na espinha, mal-estar no estômago e os pés que se encolheram. A voz do velho caolho me assalta, e me acautelo, era ela, só podia, quando antes a palavra chiada me soprava umas deferências. Cravados na porta, números soltos em ferro, nove, seis nove, movo um deles e torno outra sequência, nove, seis, seis, brinco com as variáveis. Movo o cordão do sino uma vez, como recomendado, e não se demora a cara de um mouro indisposto surge na portinhola e me indaga dos interesses nessa noite-nenhuma — Firmei um encontro, digo de pronto e nada mais quis saber, acena que entre e me adianta — Beba quanto quiser, coma o que convier, se não arcar com os gastos, arrancamos seus olhos.



(Iur Gomez é cineasta e escritor, Florianópolis/SC)

na cozinha  
ruídos de louça  
estardalhaço de vidros  
agora nenhum barulho  
porque no quarto acorda  
mal-humorado e é preciso  
que se faça silêncio  
mas isso não termina bem  
como nunca  
terminam  
as coisas escondidas  
muito quietos sim  
os segredos se comportando  
feito bicho preso pela pata  
se debatendo em azul  
no escuro

o abalo dos joelhos,  
ossatura da construção,  
entre o sétimo e o nono andar  
não existe nada  
além do anúncio breve de uma escada  
nenhuma parede.  
você escolhe não pensar  
no país deixado atrás de si  
moribundos e felizes eles  
longos  
os que se fecham ao vazio  
pulso que tomba.  
você escolhe morder as cutículas  
não regar as plantas ou  
desengordurar panelas.  
no entanto  
olhar o guindaste  
o que está por ser erguido  
o que pressupõe a queda livre  
de outra coisa dentro dele mesmo —  
não.  
isso você não pode ver.

esse tumulto debaixo do vestido.  
chego perto  
a atrofia dos dedos  
na culpa cristã  
já não existo aqui —  
desse ponto adiante  
sou daniel aos leões  
dentro  
um coração de gueixa  
fechado em si  
recolhe os próprios cacos  
ritual  
impenetrável  
não se deixa ver.  
não movo uma peça  
você parado no outro extremo  
do quarto,  
conto os dedos das mãos mais uma vez  
para ter certeza.  
conto sobre o poeta  
enterrado no deserto do namibe  
para ter certeza.  
vigio a porta da frente  
na espera do bote, os felinos.  
aqui não tem tempo.  
areia no sexo  
suja  
completamente suja  
mais imunda a cada banho  
o que fazer  
agora  
não explicam.





corpo não é despejo  
diga corpo não é despejo  
meu corpo não é teu aterro.  
não sirvo pra ser tua menina.  
o que eu quero é a orgia na romaria sacra  
chupar sorvete no mercadinho  
dizer luanda  
sem medo do homem que me come.  
o que eu quero é esquecer  
o dia em que rezei gritado  
*me explica por favor me explica*  
se são apenas essas alternativas  
a) a sina de ser desabitada.  
b) simular o beijo, o suor, a afronta.  
c) grifar só as vírgulas nas tragédias gregas.  
*me explica por favor me explica*  
se sou eu quem liquida o corpo ou  
é ele quem me trucidada.

o diafragma trabalha pesado  
nesse lance de sustentação.  
  
ninguém mais diz gramofone  
ninguém mais ouve jovem pan.  
  
existem palavras frágeis & alguns  
homens também  
  
(mas isso eles botam em segredo  
em metástase)  
  
um cara me fez gozar três vezes  
enquanto calava a própria  
boca  
com um pano seco.  
ontem sonhei o taco de sinuca  
parecia viável, arquitetura plausível  
bem posicionado no rabo de um ex  
namorado.  
  
mas isso foi um sonho ontem eu  
acordei aliviada, é verdade.  
como se o diafragma não  
precisasse mais trabalhar  
no lugar do clitóris  
blasfêmia absoluta  
  
dizem  
  
algumas palavras resistem  
fraturam vias  
respiratórias mas  
em azul se embalsam  
e vêm à tona como num  
pico de heroína  
ao solstício de inverno  
em pleno carnaval na Bahia.

quem sabe  
  
se não tivesse chegado perto demais  
teriam passado em branco  
as ogivas nucleares  
instaladas pela redondeza &  
  
não faria parte do vocabulário  
o risco  
nem a velha urgência em dizer  
tenho tanto medo, n.  
  
falariam sobre o menino  
naquele dia enquanto ele  
escancarava o peito no arpoador  
como se velasse o sonho  
aberto ao sol do meio-dia  
sem cuidado algum  
  
quem sabe  
se não tivesse chegado de repente  
a cidade não teria sumido  
como sumiu sem aviso  
saberiam endereços e pontos turísticos  
  
não haveria o cego a luz o desejo agora  
muito menos o tropeço no perigo  
ainda teriam o menino  
colado à vista  
longa a fuga se faria nele.

(Natasha Felix é poeta,  
São Paulo/SP)

# Gilles

Por Edécio Mostaço

A filosofia da diferença, o pensamento nômade, a genealogia, a desconstrução estão em alta. Desde que Gilles Deleuze e Félix Guattari anunciaram em *O que é filosofia?* que o objeto que lhe é próprio é criar conceitos, uma multidão de candidatos ao filosofar sentiu-se autorizada a destilar vocábulos esdrúxulos e nomeações abscondidas sem fim, inteiramente desatentos a algumas condições reivindicadas pelos filósofos parisienses: “não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem, portanto, uma cifra. (...) Todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não faria sentido”.<sup>1</sup> Ou seja, um termo *high tech*, uma palavra exótica, um composto vocabular estrambótico podem soar imponentes frente a uma plateia parva, mas se não envelopam um problema, então não são conceitos. E, sem conceitos, não se pode pensar.

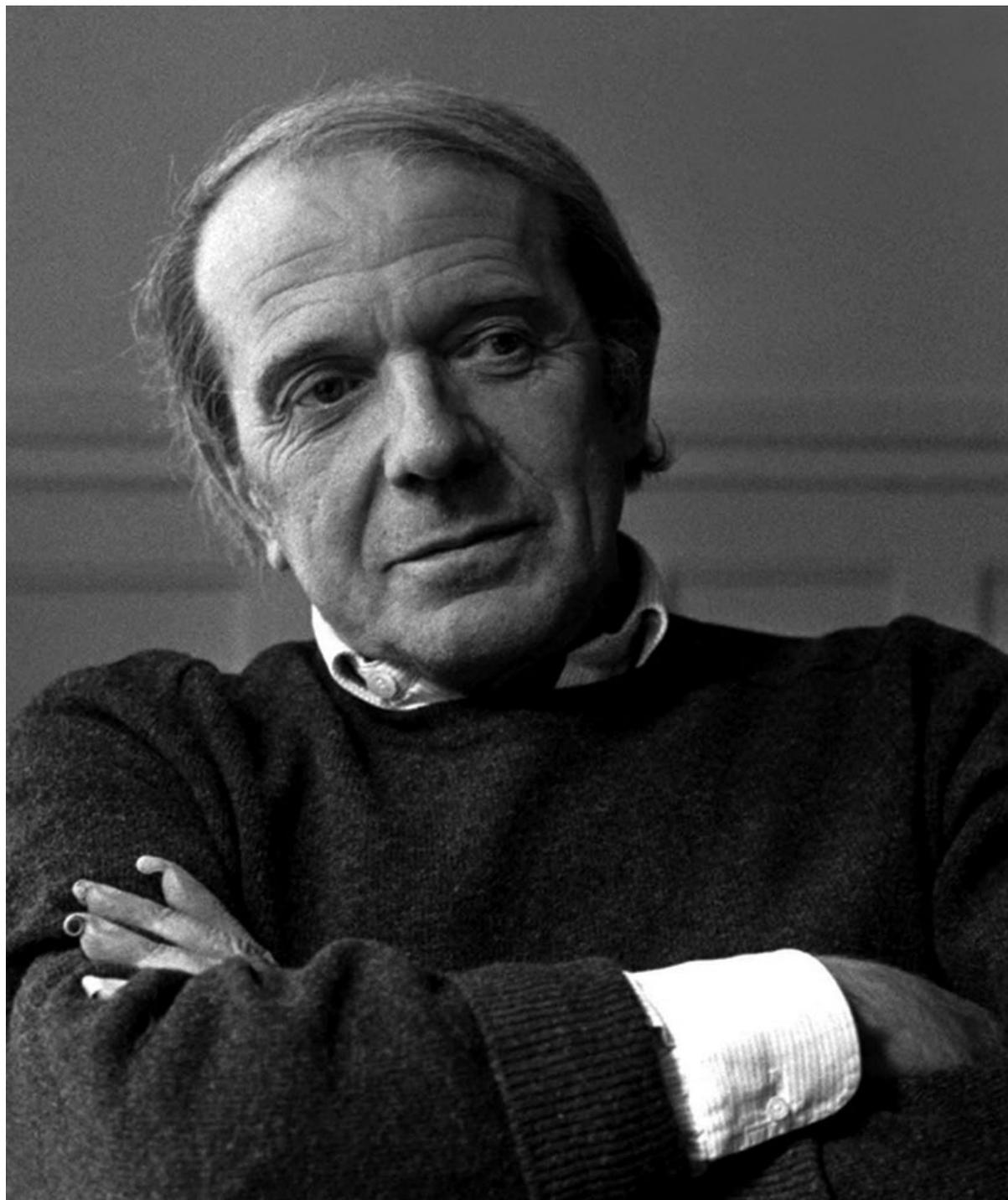
Pensar é estabelecer relações entre conceitos, e não entre coisas. Embora a imanência nos ensine que as coisas são pródigas de qualidades e potentes em si mesmas, elas não pensam. Quem pensa é o ser humano e, para tanto, não interroga as coisas, mas seus atributos e predicados, seus feitos e fins, suas qualidades ou defeitos, suas potencialidades em serem outras coisas que não elas mesmas, ou seja, as relações que elas criam, engendram, reverberam foram constituídas ou, quando elas surgem interpostas no viver humano, pelas conexões que nele desencadeiam, interferindo onde antes nada disso havia. Se os conceitos são relações, a operação mais simples que demandam para serem inteligíveis é traçar a rota de suas relações, o mapa de suas configurações, os choques ou colisões que promovem ou as aderências e contiguidades que as aproximam, criando, assim, a cartografia de sua exposição.

Isso é a cifra, antes aludida pelos filósofos, mas também a espessura da genealogia, a teia ou rede de relações estabelecidas entre os problemas subjacentes ao objeto eleito; ou, como afirmado, ao problema selecionado. Pensar é tomar problemas nos braços, embalá-los com carinho e deles cuidar com zelo. Se eles não se prestam a isso, então certamente não são problemas, ou não são problemas dignos de estudo — e, portanto, não fazem sentido para o mundo do conhecimento.

Outra afirmativa deleuziana rotineiramente menosprezada pelos seus afoitos leitores diz respeito ao conjunto nocional de onde emerge o conceito. Nenhum conceito nasce do nada: “Descartes, Hegel, Feuerbach não somente não começam pelo mesmo conceito, como não têm o mesmo conceito de começo”, atesta o filósofo.<sup>2</sup>

fo.<sup>2</sup> Ou seja, antes deles, outros pensaram, muitas vezes não na mesma direção ou com propósitos convergentes, mas construíram, com seu pensar, algo a ser considerado, conceitos ou relações entre conceitos que merecem ser dimensionados no pensamento atual, seja para torná-los convergentes ou divergentes, mas não como a invenção da roda ou a aceleração de partículas: o homem já tem um lastro de conhecimento e não precisa reinventar tais coisas. “Espectador”, por exemplo, para invocarmos um conceito bastante atual, é um conceito que nasceu com a atividade de *speculare*, que no latim antigo designava a atividade de olhar ou mirar, participio passado do verbo *espíar*. Mais à frente, emprestará ao vocabulário filosófico um seu cognato, o *speculativus*, com o sentido de pensar e naquela acepção de “ser contemplativo”, aquela a atividade que os gregos platônicos reservavam ao *theorétikos* (também com remissão à visão). A partir do século XVIII, um novo senti-

do virá se agregar a esses, com o emprego de *especulação*, o ganho rápido por meio de transações comerciais. De modo que, na contemporaneidade, três distintas ordens de raciocínio surgem imbricadas no regime escópico: o espetáculo (a coisa dada à vista), o especulativo (o pensamento teórico) e a especulação (os trânsitos financeiros), conformando um triângulo de relações em cujo interior está assentado o *espectador*. De fato, ver, pensar e trocar financeiramente parecem mesmo constituir o fim último da produção em uma sociedade regulada pelas imagens, essa em que o espectador paga para ter uma experiência estética visual. Nas palavras de Deleuze: “num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos, que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Não se pode ser diferente, já que cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado”.<sup>3</sup>



Muitos confundem tais pedaços ou componentes conceituais, especialmente quando formulados por pensadores do passado, como *influência*, uma palavra maléfica a ser afastada para designar aquilo que julgam estar atualizando, sempre em modo benéfico, presos ao diagrama ético bipolar. Ninguém influencia ninguém, e outrem nunca deve ser julgado segundo os padrões morais que separam as legiões entre anjos e demônios. Ideias estão pelo ar, circulam de boca em boca, pousam e se acotovelam em nichos favoráveis e, muitas delas são longevas e primordiais — e nem por isso ultrapassadas, como muitos querem fazer crer quando consideram a atualidade, supondo que o hoje é melhor que o ontem: “outrem é sempre percebido como um outro, mas, em seu conceito, ele é a condição de toda percepção, para os outros como para nós. É a condição sob a qual passamos de um mundo a outro. Outrem faz o mundo passar, e o ‘eu’ nada designa senão um mundo passado”<sup>4</sup>, para ainda uma vez dar voz a nosso filósofo e, concluirmos, com esse seu raciocínio, que vivemos em contínuo *devenir*.

O conceito é um incorporal, embora se encarne ou se efetue nos corpos.

Penso ter criado a bela frase acima — mas, devo confessar, ela é de Deleuze-Guattari<sup>5</sup>, mesmo quando a assumo, e ela passa a integrar meu próprio enunciado. Mas poucos perceberam, talvez, que a bela formulação, na verdade, é mais antiga, presente na obra de Hume e também na de Espinosa e, ainda mais atrás, no atomismo dos primeiros filósofos pré-socráticos. Como se percebe, belas ideias contemporâneas são, em realidade, milenares e nos assaltam a todo momento como virtualmente atuais. Isso é o *devenir*, como pensado por Deleuze:

“as ideias não morrem. Não que elas sobrevivam simplesmente a título de arcaísmos. Mas, num certo momento, elas puderam atingir um estágio científico, e depois perdê-lo, ou então emigrar para outras ciências. Elas podem então mudar de aplicação e de estatuto, podem até mudar de forma e de conteúdo, mas guardam algo de essencial, no encaminhamento, no deslocamento, na repartição de um novo domínio. As ideias sempre voltam a servir, porque sempre serviram, mas de modos atuais os mais diferentes”<sup>6</sup>.

Viver em *devenir*, todavia, não é simplesmente migrar de uma coisa à outra, espécie de coreografia contínua, sintomática e persistente, historicamente configurável como pontos percorridos de uma linha distendida no tempo. “Um *devenir* não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação”<sup>7</sup>, estando, assim, fora da série coreográfica. Igualmente não é sonho ou fantasma, não se faz na imaginação

e é perfeitamente real: homem-pássaro, menino-jacaré, mulher-aranha. Claro está que o ser humano não advém animal organicamente — por mais que, no âmbito das artes performáticas, tal sensação costumeiramente seja narrada como efetiva para muitos artistas, mas “o *devenir* não produz outra coisa senão ele próprio”<sup>8</sup>, sendo falsa a dicotomia “ou sou ou mimetizo”. O *devenir* é da ordem da aliança e se manifesta por meio de blocos. E, para dizer de modo rápido e cabal, *devenir* é o contínuo processo do desejo<sup>9</sup>.

Os *devires* — sempre múltiplos e em legião, como os lobos — são moleculares, razão pela qual escapam à mimese e às relações formais:

“*devenir* é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de *devenir*, e através das quais devimos (...), num processo de proximidade ou de aproximação inteiramente particular e que não introduz analogia alguma”<sup>10</sup>.

“O Ser se diz em múltiplos sentidos”, afirmou Aristóteles na *Metafísica*, ali registrando a base gnosiológica fundamental conhecida como univocidade. Tal princípio não estabelece distinções entre os seres existentes, hierarquias, subdivisões ou separações outras que não visem tão somente à inteligência da variedade de espécies, de gêneros ou de modos com os quais os seres podem se apresentar, mas que não são de essência ou constituição. Para Deleuze, essa univocidade do ser e multiplicidade da aparência se encontra no polo oposto ao *devenir*, o que se constitui em um aparente paradoxo em seu sistema. De fato, unívoco e múltiplo só podem conviver ou estabelecer relações naquele verbo aristotélico empregado, que pouca atenção desperta na frase: *diz*. Portanto, é a Voz, o dizer, que constitui a articulação enfatizada por Deleuze em seu sistema filosófico marcado, sobretudo, pela disseminação de *devires*. Por isso são infinitos, apresentam-se como matilha, formam blocos com outros blocos, tecem rizomas e exploram cartografias, multiplicam repetições e isolam diferenças, dissolvendo todas as coisas estabelecidas e destruindo toda compacidade material e toda identidade conceitual. Isso é tomar ao pé da letra o verbo aristotélico, radicalizando a geração e a metamorfose, mas guardando o princípio ontológico de paridade entre os seres existentes, indivisos entre corpo e alma, homem e animal, vivo e morto, cultura e natureza e tantas outras divisões e oposições que a metafísica ocidental instituiu como apresentação e representação do cosmos. Estamos, portanto, no âmago da mais radical imanência.

O par univocidade-*devenir* é autopoético, se faz e se refaz a todo momento, gerando infinitas for-

mulações. Devemos nos acautelar, contudo, de não cairmos na mera opinião, na livre-opinião ou no exercício do senso comum. O mundo do conhecimento exige a fundamentação dos conceitos, o plano da metodologia, a clarificação dos enunciados. Ficam afastados, assim, os pressupostos das religiões e as idiossincrasias das opiniões — casos extremos de balbúcio que nada fazem além de repetir o já dado —, e valorizadas a ciência e a arte, territórios onde a invenção tem algo a acrescentar. Nesse sentido, a filosofia de Deleuze oscila entre uma “eternidade filosófica” e uma multiplicidade de casos artísticos, como a dimensiona Alain Badiou<sup>11</sup>, verificada nos objetos aos quais dirigiu sua atenção, como o cinema, a literatura, a pintura de Francis Bacon, o texto de Kafka, a cena de Samuel Beckett, entre tantos outros. Temos, então, uma conjugação entre o princípio do Ser unívoco e suas múltiplas emanações, distante das hierarquias, classificações e separações que limitam ou segregam o pensamento.

Bergson, além de Nietzsche e Espinosa, é um dos filósofos que está na base e na origem do pensamento de Deleuze, especialmente por meio da intuição, essa notável operação intelectual que interliga a consciência e o objeto em modo imediato, revalorizando a experiência perceptiva enquanto modo próprio de articular a existência humana aqui e agora. Ou seja, em nosso tempo, ultrapassando as oscilações daquele autor nos primórdios do século XX, ainda enredadas com um absoluto ou o místico, colocando em relevo a duração: “Bergson substitui a distinção de dois mundos pela distinção de dois movimentos, de dois sentidos de um único e mesmo movimento, o espírito e a matéria, de dois tempos na mesma duração, o passado e o presente, que ele soube conceber como coexistentes justamente porque eles estavam na mesma duração, um sob o outro e não um depois do outro”<sup>12</sup>.

Como afirmou o autor de *A Evolução Criadora*, a matéria se encontra na base de tudo o que é espacial, possibilitando, assim, sua inteligência e ciência. Mas não estamos às voltas com uma psicologia, um simples conhecimento intelectual, uma vez que a matéria é um princípio ontológico da inteligência, que não nos separa das coisas e de sua natureza, constituindo-se em um dos dois movimentos da natureza: o primeiro, aquele em que ela se distende e se coloca como o exterior de si mesma, tornando-se apta à apreensão humana. Enquanto o outro movimento dá-se ao revés, tendendo a se congelar em seu produto, nele encontrando o movimento do qual ele resulta. Movimento para diante, movimento para trás — essa é a dinâmica de todo *devenir* —, marcada, sobretudo, pela *duração*. Poucos verdadeiros acontecimentos humanos são tão potentes quanto o tempo que escorre, o tempo que passa, inapreensível e célere ou arrastado e denso, conforme as disposições do desejo naquele momento. Essa é a razão fundamental pela qual o *devenir* não pos-



sua analogia, mas faz bloco com outros possíveis: homem-pássaro, menino-jacaré, mulher-aranha. Aplicados ao cinema, tais raciocínios incitaram os conceitos de imagem-tempo e imagem-movimento, dupla articulação que subsome a duração não mais no espaço newtoniano, reticular e figurativo, mas einsteiniano, proprioceptivo e quiasmático<sup>13</sup>.

Boa parte dos leitores e aficionados de Deleuze não presta atenção, todavia, ao fato de que ele criou duas lógicas sustentando suas afirmações, mesmo as mais extravagantes: a *Lógica do sentido* e a *Lógica da sensação*.<sup>14</sup> A primeira busca pelo paradoxal que existe em todo sentido, tomando Lewis Carroll como patrono e a filosofia estoica como êmulo de pensamento, uma vez que em cada série “correspondem figuras que são não somente históricas, mas tópicas e lógicas. Como sobre uma superfície pura, certos pontos de tal figura em série remetem a outros pontos de tal outra: o conjunto das constelações-problema com os lances de dados correspondentes, as histórias e os lugares, um lugar complexo, uma ‘história embrulhada’<sup>15</sup>. Assim, estamos longe da causalidade, da determinação, da necessidade — imperativos diversos que sustentam outras lógicas bastante conhecidas e hegemônicas. Quanto à segunda, é ela um empreendimento tipicamente deleuziano: formular conceitos nos quais só existiam perceptos e sensações. Com base na pintura de Francis Bacon, ele sustenta: “com a pintura, a histeria se torna arte”<sup>16</sup>, deixando claro seu ponto de partida psicanalítico para surpreender como as sensações — do pintor ou do espectador — se conjugam enquanto presença: “a pintura é histeria, ou converte a histeria, porque faz ver a presença, diretamente. Ela se apodera do olho pelas cores e pelas linhas. Mas *ela não trata o olho como um órgão fixo*. Libertando da representação

as linhas e as cores, ela liberta ao mesmo tempo o olho do seu pertencimento ao organismo, ela o liberta de seu caráter de órgão fixo e qualificado: o olho se torna virtualmente o órgão indeterminado polivalente que vê o corpo sem órgãos, ou seja, a Figura como pura presença”<sup>17</sup>. Tal desespecialização do olho, que equivale à difusão e amplificação do olhar, opera para reterritorializar a sensação, expandindo seus desdobramentos, infundindo novos devires, fazendo “despertar” a pintura.

Por isso, “a obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si”, (...) “é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos”<sup>18</sup>, são afirmativas de Deleuze que desnudam o estatuto da arte em seu sistema filosófico. A arte escapa, portanto, ao regime da representação (e das tantas interpretações que restam aderidas tão somente à sua superfície, a seu conteúdo, a seus temas ou assuntos), para dirigir-se para além desses enfoques, adensando a apreensão do gesto criativo que materializou: “é a única coisa no mundo que se conserva”<sup>19</sup>. Um traço, uma cor, uma árvore ou uma donzela não bastam, todavia, para eternizarem essa sensação fixada, esse instante tornado permanente, esse bloco criado do nada: é preciso que ele se mantenha em pé sozinho! Ou seja, que a sensação possua força para autossustentar-se, livre, independente, vivendo unicamente do gesto que a fez ser o que é. Mesmo que, para tanto, o artista tenha de recorrer ao inverossímil geométrico, à imperfeição física, à anomalia orgânica, à contrafação óptica, ao grotesco e o desproporcional, ao obscuro e ao *non-sense*, quase sempre tomados como contrasensos em relação à *boa* sensação, ao *bom* olhar, à *boa* crítica, ao senso comum. Criar é transgredir. É criar um monumento, enquanto marco sensível posto em pé, soberano e autossuficiente para se conservar por si mesmo; e, nesse caso, não importa o período, o estilo, a civilização que o realizou. É o que se pode afirmar a respeito da Juno Ludovisi, do busto do Belvedere, e de tantas outras obras da antiguidade que nos chegaram mutiladas e imperfeitas, apenas ruínas, mas que ainda assim, pela força sensível que emanam e ainda ajudam a manter em pé, permitiram ao pensamento estético estruturar-se e avançar com os trabalhos de Winckelmann ou Schiller, por exemplo. Ou *O*



*Grande Vidro*, de Duchamp, o *Ulisses*, de Joyce, o *Esperando Godot*, de Beckett.

Deleuze foi um pensador nômade, habitante destemido de uma planície que alberga apenas aqueles que ousam caminhar pelas próprias pernas, ao contrário dos sedentários que se abrigam em cavernas e nichos. Seguir seus rastros não é tarefa fácil, mas um empreendimento sempre coberto de felicidade e gozijo.

1 DELEUZE, G. e GUATTARI, F. O que é filosofia?, São Paulo, Ed. 34, 1992, p. 27.

2 Idem, ibidem, p. 27.

3 Idem, ibidem, pp.29-30.

4 Idem, ibidem, p. 30.

5 Idem, ibidem, p. 33.

6 DELEUZE, G. E GUATTARI, F. Mil Platôs, v. 4 (Devir intenso, devir animal, devir imperceptível), São Paulo, Ed. 34, 1997, p. 14.

7 Idem, ibidem, p. 18.

8 Idem, ibidem, p. 19.

9 Idem, ibidem, p. 19. Onde também se lê: “Preferimos então chamar de ‘involução’ essa forma de evolução que se faz entre heterogêneos, sobretudo com a condição de que não se confunda a involução com uma regressão.”

10 Idem, ibidem, p. 67.

11 BADIOU, A. La clameur de l'être. Paris, Hachette, 1997.

12 DELEUZE, G. A ilha deserta (textos e entrevistas), São Paulo, Iluminuras, 2006, p. 36.

13 “O que antes de tudo interessa ao pensamento é a heterogeneidade das maneiras de viver e de pensar; não enquanto tais, para descrevê-las e classificá-las, mas para decifrar seu sentido, isto é, a avaliação que elas implicam. O sentido concerne a uma vontade mais do que a uma coisa, a uma afirmação mais do que a um ser, a uma clivagem mais do que a um conteúdo, a uma maneira de avaliar mais do que uma significação”, explicita François Zourabichvili a propósito da acepção deleuziana de pensar, onde a vontade reina sobre o próprio pensar. Ver Zourabichvili, François. Deleuze: uma filosofia do acontecimento, São Paulo, ed. 34, 2016, p. 60.

14 DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo, Perspectiva, 1974; e *Lógica da sensação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

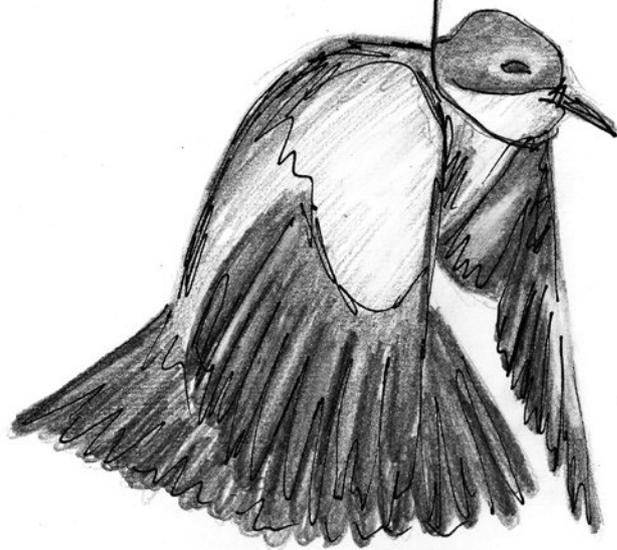
15 DELEUZE, *Lógica do sentido*, cit., prólogo.

16 DELEUZE, G. *Lógica da sensação*, cit., p. 58.

17 Idem, ibidem, p. 58.

18 DELEUZE, G. e GUATTARI, F. O que é filosofia?, cit., p. 213.

19 Idem, ibidem, p. 213.



4

**The soul's sounds are leaving off the wall  
a great storm on the firstborn's fortress  
the unreal state of mind of a nobody  
likes breakfast in Paris  
but death is elsewhere**

**Relish the future rapturous yardbird  
paradise awaits eighty seven bouces  
I was a letter through the glass fields  
approximate present of unearthed grapes  
who had nothing more to say**

Os sons da alma estão deixando fora da parede  
uma grande tempestade na fortaleza do primogênito  
o estado de espírito irreal de um ninguém  
gosta do café da manhã em Paris,  
mas, a morte está em outra parte

Saboreie o futuro, pássaro extasiado  
o paraíso espera oitenta e sete saltos  
eu era uma carta através dos campos de vidro  
o presente aproximado de uvas desterradas  
que não tinham nada mais a dizer

12

**Twelfth man's journey  
deciphering the code behind the teeth  
the sea is all canine  
on the mornings of the erosion  
carnivorous spring of the wasp**

**Thank you for not helping me  
everything sounds at once  
drops of fear in the motifs garden  
celluloid destroyer  
fuck off the double rabbit taxes!!**

A viagem do duodécimo homem  
decifrando o código atrás dos dentes  
o mar é todo canino  
nas manhãs da erosão  
carnívora primavera da vespa

Obrigado por não me ajudar  
tudo soa de uma vez  
gotas de medo no jardim dos motivos  
destruidor de celulóide  
fodam-se os impostos do duplo coelho!!

**Identities chatterer salesman  
bunny caterwaul looper  
sinking stones  
battle for peace  
this is my rent-roll !**

**Cut the art of men's hunter  
warping os milk and bones  
post cards from mother's golden box  
impact not to sale  
detention not to mention**

Vendedor tagarela de identidades  
repetidor dos miados de coelho  
pedras afundando  
batalha pela paz  
este é meu rendimento !

Corte a arte do caçador de homens  
perversão de leite e ossos  
cartões-postais da materna caixa dourada  
impacto que não se vende  
detenção que não se menciona

**Master of compassion  
all over the moondance collapse  
a little handsome carbon walks home  
Come closer!  
Is momy a political animal or a social plant?**

**Stillness arises!!  
lost of textures  
366 pixels in the dreamscape  
bipolar blooming moonlight  
we are maniac losers**

Mestre da compaixão  
por toda a parte do colapso da dança da lua  
um pequeno e elegante carbono caminha para casa  
Aproxima-te!  
Mamãe é um animal político ou uma planta social?

A quietude surge!!  
perda de texturas  
366 pixels na paisagem do sonho  
florescente luar bipolar  
somos perdedores maníacos



*(Alê Prade é poeta, músico e artista visual  
catarinense radicado em Londres, Inglaterra)*

# O Cinema de Arquivo de Back

Por Pedro MC

Com oitenta anos recém-completados em julho de 2017, Sylvio Back segue uma trajetória única no cinema. Pioneiro do cinema de arquivo, ou *foundfootage*, técnica de remontagem de registros históricos, Back é uma incógnita. Glauber Rocha o chamava de “cacique do Sul”, com verdadeira admiração por sua obra. O cineasta Zeca Pires vê uma “poética de neologismo sintático” em suas obras, que misturam ficção e documentário. Convidado para produzir a Mostra Sylvio Back 8.0 – Filmes Noutra Margem, me debrucei sobre um material de texto e de imagens que alimentou drasticamente essa incógnita, levando a retomar uma hipótese sobre a memória do cinema brasileiro, em relação a seu acervo, difusão e pensamento crítico. Quando estive no CineOP (Mostra de Cinema de Ouro Preto), no seminário da Associação Brasileira de Preservação Audiovisual, fiquei emocionado com o depoimento de Cavi Borges, notório realizador independente do Rio de Janeiro que está buscando redescobrir as obras de cineastas como Luiz Rosemberg Filho e Neville d’Almeida, ainda sem apoio para digitalizar em alta definição e distribuir em cinematecas. Lá em Ouro Preto lembrei-me da obra de Sylvio Back na qual discussões que Rogério Sganzerla sempre tocou como “o que é ser catarinense” vêm à tona quando se fala de um cineasta que logo cedo foi morar em outros lugares. Nesta entrevista ao *Ô Catarinal*, busco conectar indagações que tenho há tempos como espectador, misturando algumas referências novas que encontrei no “Verbete Back” da Enciclopédia do Cinema Brasileiro (Ed. Senac, Org. Fernão Pessoa Ramos e Luiz Filipe Miranda), na qual se constata que é, hoje, o cineasta que mais produziu livros, filmes e prêmios em atividade no país.

**Sobre *Lost Zweig*, o crítico José Geraldo Couto define o tom de sua direção como elegíaco, conduzindo com delicadeza um duplo requiém (por uma civilização e por um homem), refletido nos movimentos de câmara e em cores frias. Em contraponto a essa delicadeza, Carlos Alberto Mattos fala que o senhor trata a História como uma puta sempre aberta à livre dramatização e às licenças da metáfora. Do lado do espectador, essa dúvida é para ser questionada também ao assistir a seus filmes?**

Espectador e leitor são soberanos. Fui crítico diário de cinema nos anos de 1960 e nessa condição eu



A atriz austríaca Ruth Rieser e o diretor Sylvio Back nas filmagens de *Lost Zweig*

queria porque queria fazer parte do show. Acontece que a obra está aí para o que der e vier. Com as exceções de praxe (como os citados, ambos, brilhantes!), crítico é aquele sujeito com a soberba de melhorar o que está concluído! Já caiei alguns (com réplicas à redação) que se arvoraram em dar palpites no meu roteiro, na direção e na edição. *Lost Zweig* e todo o conjunto de minha obra levantam propositadamente essa ambiguidade da sua pergunta. Adoro deixar público e críticos órfãos, sem corrimão político, ideológico e estético por onde se situar e enquadrar o fotograma. Assino um cinema moral. Filmes cujo único compromisso é com o imaginário do público. Não por acaso meu cinema é muitas vezes vilipendiado, desqualificado e ridicularizado, quando não omitido. No final das contas, melhor assim, pois seu tom polêmico acabou por dotá-lo de inimitável assinatura autoral.

**O escritor Stefan Zweig já foi o Paulo Coelho de sua época, alcançando o status de mais publicado e traduzido do mundo. Foi amigo de Auguste Rodin e Sigmund Freud. Na assunção de Hitler, foi para os Estados Unidos e conseguiu visto para o Brasil por conta da repercussão do livro *País do Futuro*. No Rio de Janeiro ele encontrou Orson Welles filmando *It's All True*. As ligações em torno de Stefan Zweig são imensas, mas desconhecidas de um grande público. Seria hoje o Brasil de Paulo Coelho o “país sem memória”?**

Não sejamos injustos com criadores como nós próprios, hein? Cada um a seu modo e talento, da época que os merecia e merece. Ambos, inquestionáveis *best sellers*, nem por isso maiores ou menores. Todo poder à invenção que cada um produz e angaria leitores e cultores. Stefan Zweig, intelectual libertário com vocação cosmopolita, homem sem vezo religioso — nesse atual cotidiano de desvario terrorista —, erige-se de uma modernidade à toda prova. Há oitenta anos, defendendo uma Europa sem passaportes e com moeda única, Zweig era contrário à criação de um Estado de Israel (segundo ele, judeus não precisam de nação, mas de pátria e, nessa condição, cada país que os acolhe passa a ser sua pátria!). Sem falar do seu pacifismo militante, antibelicista e humanista, acostumado a pensar com a própria cabeça, infenso a ideias e ideários servis, à esquerda e à direita. Um homem à frente do seu tempo e de todos os tempos. Foi essa independência existencial que me atraiu para fazer *Lost Zweig*, cujo fim trágico, o duplo suicídio com sua jovem esposa, Lotte, soou como o mais contundente protesto contra a barbárie hitlerista que tomava conta da Europa, e aqui vivíamos a ditadura antisemita de Vargas.

**O ator Rüdiger Vogler tem sua imagem associada fortemente à primeira fase do Wim Wenders com a “trilogia da Estrada”, no qual um deles, *Movimento em Falso*, é baseado no célebre *Wilhelm Meisters Lehrjahre*, de Goethe. No meu predileto da trilogia, *Decurso do Tempo a paisagem, o deslocamento e o próprio cinema* são temas narrativos. Seria *Lost Zweig* seu filme mais narrativo, mesmo com as restrições de movimentos de câmara e metáforas visuais? A influência em todo o mundo do “Neuer Deutscher Film” com Wenders, Herzog e Fassbinder em seus “road-movies”, diluindo a densidade pós-guerra, parece ter um efeito contrário em seu estilo narrativo de ficção. Parece-me que a densidade dos seus temas é superada ora pela ironia, ora pela elegia. Seria o Reginaldo Faria do seu primeiro longa *Lance Maior* um “anti-Wilhelm Meister”?**

Com o passar dos anos, e ainda mais na atualidade dos meus oitenta, o que era influência na juventude e maturidade não faz mais muito sentido. Uma cinefilia que foi esmaecendo, mas sem perder vigor e fulgor. Cineasta intuitivo, jamais botei o olho no visor procurando homenagear os diretores de minha eleição. Em termos de linguagem e narrativa, sou um livre atirador estético, avesso a formas e formas. Assim, desde a escritura dos roteiros (autor e coautor dos meus 38 filmes de curta, média e longas-metragens), evito prenunciar a decupagem das cenas, dos movimentos de câmara, luz e som, à direção de atores (por sinal, deixo que eles próprios “encontrem” o personagem!). Adoro inventar no *set* de filmagem, sentir a temperatura afetiva da equipe, do elenco, entre cenógrafos, figurinistas, maquiadores, etc. Gostaria que alguém que se debruçasse, agora ou no futuro, sobre minha obra tivesse a percepção que eu próprio tenho dela: parece que cada filme foi feito por um outro diretor. Nunca me dublo: se o filme deu certo, o próximo é risco novamente. E flagro isso até em temas aos quais voltei décadas depois, como em *O Contestado – Restos Mortais*, feito quarenta anos depois de *A Guerra dos Pelados*. Nessa chego a me desmentir, exorcizando equívoco tanto ideológico quanto geopolítico com relação à Guerra do Contestado, o que provocou grande ira na região e no estado. Não tenho glórias a preservar, porque nunca as tive! Pelo contrário, tive que chutar a porta do cinema brasileiro para poder entrar!

**Parte da crítica considera seus documentários com uma figura de linguagem predominante, do sarcasmo. Antes de entrar na questão da pesquisa, que para mim na praia do *found footage* (ou cinema de arquivo como denomina Silvio**

**Tendler), é uma das mais incríveis do cinema, quero perguntar sobre esse sarcasmo. Na estreia de *Rádio Auriverde*, na Fundação Catarinense de Cultura, no cinema do CIC, lembro que um senhor bradava que os pracinhas da Segunda Guerra “mereciam respeito”. De outro lado, seu outro filme com dramaturgia sobre Cruz e Sousa recebeu pancadas de todos os lados, tachado de exagerado e teatral. A pergunta é, dentro dos seus 80 anos recém-completados, seu cinema é calculado para ter essas reações (e você se diverte com isso, como o faz Sergio Bianchi), ou você “liga o foda-se” e faz o que quer, e é sarcástico mesmo, e Cruz e Sousa é seu parça que você se identifica como artista?**

Você tem toda a razão. Se tem denominador comum no que intitulo de antidocs, meus docudramas (misto de doc & ficção), já que não sou um documentarista *lato sensu*, pois toda realidade uma vez filmada vira armazém do passado! É o sarcasmo, o humor, a ironia e, acrescentaria, uma absoluta desconfiança, eis a invisibilidade deles. Faço um cinema que desconfia. Antiutópico, pelo dissenso e na contramão de palavras de ordem política e ideológica. Ou seja, não procuro fundar verdade alguma. Como dizem os chineses, a verdade está no fundo poço. E não seria o cinema a melhor seara para difundir “verdades”. Daí esse cinema desideologizado que venho articulando desde a cúspide da década de 1970, precisamente, com *Aleluia, Gretchen*. Naquela quadra caiu o meu “Muro de Berlim”... Jamais levar o espectador pela mão, ele é sempre mais esperto do que nós: o olho é mais rápido do que o pensamento. Acreditando na capacidade de discernir, cada imagem, seja filmada ao vivo, seja de arquivo, é uma descoberta para sua consciência. Sou o primeiro autor a dialogar de forma assimétrica, crítica e irreverente com o material de arquivo (a ver *Revolução de 30, Rádio Auriverde* (1991) e *Índio do Brasil* (1995). O vencido mente tanto quanto o vencedor. É que todo filme de arquivo vem literalmente “batizado” pela ideologia do seu tempo de apreensão da realidade e da história contemporâneas. Portanto, é um manancial de verdades e mentiras de que só o espectador saberá se desvencilhar com suas próprias idiossincrasias. Uma aventura moral de inexcedível prazer estético que procuro incutir em meus filmes.

**Completando 80 anos em plena pesquisa e atividade, o senhor gostaria de fazer um filme como *O Grande Hotel Budapeste*, de Wes Anderson, com roteiro chupado das obras *O mundo que eu vi* (concluída em Petrópolis) e *Cuidado da piedade*, de Stefan Zweig, no sentido de grandes orçamentos, direção de arte, atores famosos? Algum dia Hollywood já foi sua ambição?**

A pergunta é um golpe baixo, no bom sentido. A citação da bela Budapeste, cidade natal do meu pai, judeu húngaro, nascido, exatamente, em Pest, que

chegou ao Brasil em 1920 como imigrante e aqui encontrou nos anos de 1930 em Blumenau a imigrante alemã, minha mãe, recém-chegada ao Brasil fugindo do nazismo com a família. E foi dela que pela primeira vez ouvi falar de Stefan Zweig, tornando-me seu assíduo leitor. Como, também, já adolescente, vim a saber que Back-pai, como seu conterrâneo do então Império Austro-Húngaro, se suicidara aos sessenta anos no Rio de Janeiro, ele em 1950 e Zweig em 1942. Na juventude e já trabalhando como jornalista, antes de dedicar-me *full time* ao cinema, como se fora algo cármico, gostava de ler bilhetes e cartas deixadas por suicidas. Foi assim, a bordo dessa coincidência existencial que me debrucei para tentar alguma resposta para a automorte. Na verdade, ao pesquisar e escrever o roteiro, em *Lost Zweig* acabei abandonando a ideia de tentar desvendar o insondável. Ao contrário, aprofundi o mistério. Em compensação, o filme elucida a vida de um homem excepcional. Sim, qual o cineasta mundo afora que jamais pensou em filmar em Hollywood? Afinal, Hollywood sempre fez os melhores e piores filmes do ano (ainda que ultimamente, esteja produzindo os piores), e todos fomos formados por ele. Se algum preciosismo tecnológico (o cinema nasceu com a luz elétrica!) perpassa minha obra, devo ao cinema americano, no qual cada filme, por medíocre que seja, traz a melhor resolução imagética, com a qual fomos catequizados ao longo de um século. Propriamente, filmar em Hollywood nunca me atraiu, ainda que com *Lost Zweig* tenha flertado com o mercado internacional, diálogos originais em inglês, com os dois atores principais europeus, a temática universal. Mas, como já aconteceu com praticamente todas as tentativas (sim, há exceções confirmando a regra), o cinema brasileiro ainda vive a mitologia de uma internacionalização que é mais ufanista do que concreta. O nosso contínuo sucesso artístico remonta ao Cinema Novo, com filmes autorais, hoje cada vez mais raros e ralos, e dessa levada não tenho queixas, afinal, nada suplanta a criação livre e independente, que é, imodestamente, a marca do meu cinema.

**Sua filmografia tem muito da dor e das injustiças e fica em um meio difuso de entender a classificação de filme histórico ou autoral. Fazer história é um processo autoral ou a narrativa são camadas de interpretação do momento em que são lidas, independentemente da intenção do autor? Hoje, com a iminência do neonazismo voltando à tona, seria *Aleluia, Gretchen* uma profecia ou sua “weltanschauung” misturada com uma cosmovisão de Cruz e Sousa, entre “raios, pedradas e metralhas”? Afinal, ser catarinense já é nascer em uma puta injustiça de fato?**

Nascido em Blumenau, ainda que criado no Paraná (litoral, Antonina, Paranaguá e Curitiba; hoje com trinta e dois anos de Rio de Janeiro), sou um catarinense orgulhoso desde a juventude, quando

me descobri apaixonado pelo verso do genial Cruz e Sousa. Poeta, leitor de poesia (minha estante poética é maior do que a de cinema!), então nunca pensei em cinebiografá-lo. Ao longo das intempéries da vida e da sobrevida, que é formatar e levar à frente uma carreira cinematográfica no Brasil, em especial, fora do eixo Rio-São Paulo, só e tenho reconhecimento: Paraná e Santa Catarina, às vezes pelas vias mais tortas e inimagináveis, me proporcionaram régua e compasso para esta filmografia que agora disponibilizo com todo o prazer aos jovens e à população de Santa Catarina. Conhecer a sofrida intimidade social, racial, artística e moral de Cruz e Sousa foi uma das pedras de toque inspiradoras do que é crescer e aparecer na província e fora dela, ora direis. Se uma irrevogável madrastrice a permeia desde sempre, seja aqui, seja acolá, vamos ser realistas, não é exclusividade de nossa terra natal e por adoção. Desde Sófocles, Shakespeare e Brecht, a tragicomédia do ser humano continua em cartaz!

**O que está sentindo, hoje, aos oitenta anos? Conforto, esperança, tristeza, confiança ou mágoas a exorcizar?**

Sempre fiz “aniversário” ao terminar um filme, como o mais recente, *O Universo Graciliano*, de 2013, o trigésimo oitavo da carreira. Dessa vez não deu. Jubilosamente, traí-me! No entanto, quero crer, ainda dá tempo com um detalhe: antes quero envelhecer pra saber como é que é ser velho! Faço ouvidos moucos ao chororô de queridos amigos de 50 e 60 anos sofrendo por antecipação a longevidade. Olhai, deve ser bacana chegar a macróbio! Para minha alegria, ao ensejo da emblemática data, Santa Catarina prepara grande mostra de meus doze longas-metragens, acompanhada de belo catálogo que leva o jovial e sintomático título de “Sylvio Back 8.0 – Filme Noutra Margem”. Melhor, impossível! Por outro lado, eu sei, é forte o simbolismo da efeméride dos oitenta, uma idade que, mocinhos, jamais pensamos chegar lá, como se fora um Everest biológico inatingível! Alimento com prazer uma pergunta recorrente: o que preciso ainda fazer ou concluir ou publicar ou lançar, poemas, artigos/ensaios, roteiros, filmes e livros? Essa premência é uma luminosa parceira desde a juventude, pode crer! O homem é sua obra, e ponto final. O que me anima todas as manhãs é essa premência; levanto sabendo que há o que criar, formatar e concluir. Por essas e outras sinto que “*my life is brilliant/my love is pure*”, como diz a canção. Afinal, que os filmes falem por mim porque sempre foram melhores do que eu! Que o digam as dezenas de colaboradores com quem, afetuosamente, compartilho uma obra que, se subsiste, é graças ao estro e à expertise deles.

*(Pedro MC é presidente da Associação Cultural Cinemateca Catarinense, conselheiro municipal de política cultural e coordenador do Ponto de Mídia Livre Cine Maciço, Florianópolis/SC)*

# Tarde

## Na mão de Deus

“Não precisa, talvez seja melhor.” “Não posso!” “E fazer o quê? Me diga, fazer o quê?” “Levar!” “Deixa na mão de Deus.”

A caminhonete cheia, a pouca mobília amarada na carroceria.

“Vida nova, mulher!”

## Aurora

A ponta de luz sobre seu corpo nu, desperta. Este silêncio, este calor! O primeiro, novidade, ao outro já se acostumara. Sonolento e faminto, arrasta-se até o canto e se apoia sobre o buraco. Não há alívio no evacuar, a dor lancinante rompendo-lhe os intestinos. Fezes e sangue se misturando à terra, infértil este lavrar. Árido tal qual o solo em que se paria, todas as manhãs... todas as manhãs saía do buraco que cavara com suas unhas, toupeira do próprio berço, onde dormia fetal. Todas as manhãs aquele som de metal em pedra, fora, distante, tinindo auroras em seus pesadelos. Depois a porta se abria, um braço apressado rompia sua solidão, despejando-lhe algo para comer e beber. O mistério que se repetia todas as manhãs... todas as manhãs. Tinir de metal em pedra e aquele braço apressado, nunca outro, sempre o mesmo. Hoje, entretanto, o silêncio e a dor, o grito surdo dos intestinos e o braço que não chegou. Pegou dos dois paus há muito esquecidos sobre o chão de terra batida e levantou. Os pés horrivelmente virados sustentando-lhe o corpo. Ato ousado o desejo de caminhar. Nunca o aprendera. A servir de sola, o peito do pé, e de pouca serventia os dois paus naquela sala medíocre. Deixaram-lhe as improvisadas bengalas depois que se acalmara, em um tempo do qual já não tinha mais memória. Sabia dos ferros que lhe ulceraram os tornozelos, das correntes que o prenderam. Cicatrizes são sempre muito difíceis de apagar. Houve, entretanto, algum dia em que ferros e correntes não mais estavam. Jamais soube quem o libertara para explorar os diminutos domínios daquela cela. Livre, aprendeu a apoiar-se, ereto, sobre o peito dos pés. Que serventia podia ter aquilo, se havia a opção de arrastar-se? — a pergunta que faria, não fosse tanto calar.

## Pretérito

Um grito na pedra escava silêncios. Torto, disse, nasceu torto. Arrastar correntes, os arreios à boca, qual mula, serra acima, serra abaixo. Não vinga, rebento maldito, há de ficar, qualquer hora, qualquer dia, na grota, há de cair no perau ou, sei lá, deixa morrer e enterra. Vingou, entretanto! E

não se soube o que fazer. Cobriu-se sua nudez, no princípio, depois não mais; aprendeu palavras que nunca disse e escondeu-se no quarto dos fundos. — Escondeu-se? — Esconderam! Morcego bisonho, aprendeu a aquietar, soube, não haveria dor, assim. E na noite dos seus sonhos, vagava na mata. Esta mata que se lhe achegava aos ouvidos nas insônias e nas poucas sombras que rompiam a taipa, insinuado-se pelas paredes da tapera. Nunca houve medo em seu corpo troncho, tampouco prazer.

## Silêncio

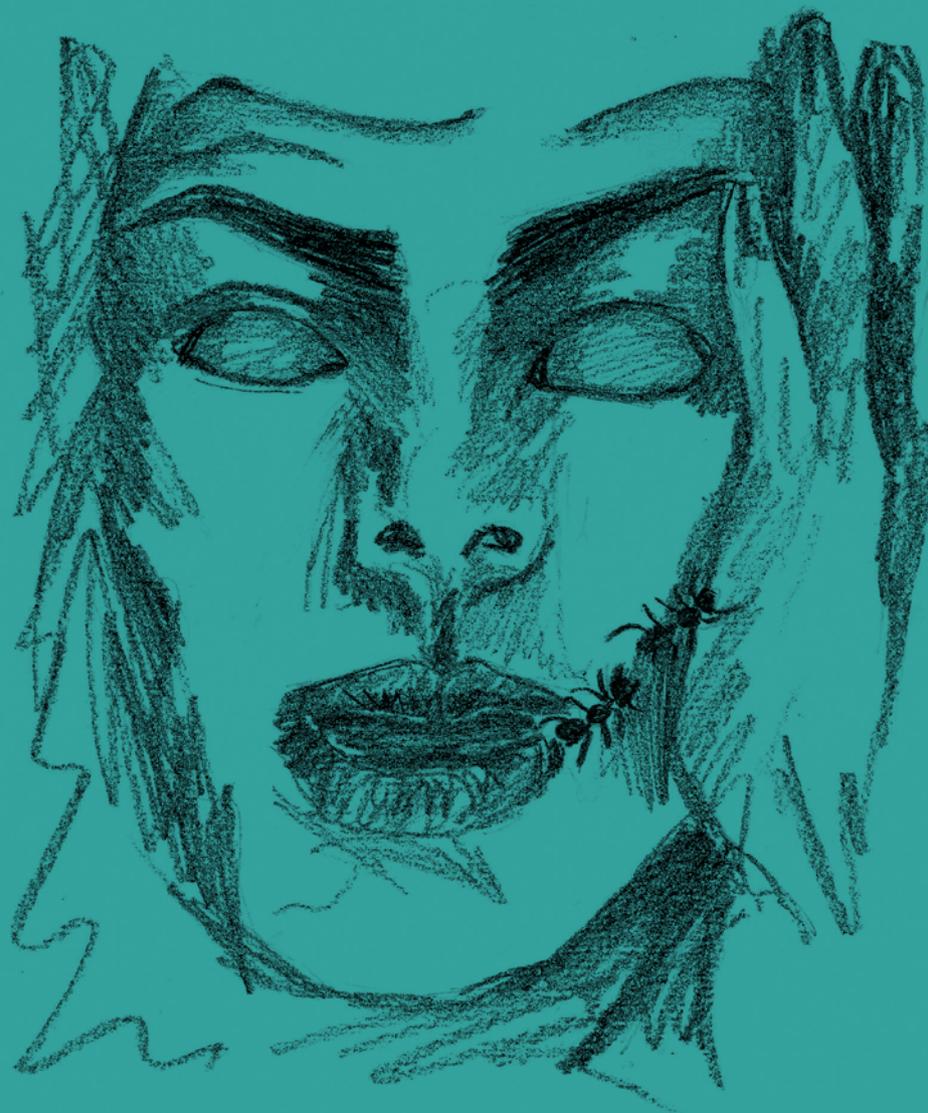
O corpo em desequilíbrio achega-se à porta, grotesca, construída às pressas, farpas e nós. O corpo... agora todo ouvidos colado às tábuas. Os sons? Aonde os ruídos da manhã, de uma família que se move sem sair do lugar, o tinir de metal sobre pedra? A pele dos ombros, do peito parco, arranhando-se na porta, pequenos pontos vermelhos fustigando madeira tão rude, tamanha tentativa de compreender, atravessar a porta, romper matéria, descortinar silêncios. Havia o trinco, sempre o houve, mas cadê coragem? Recua dois passos e cai pachorrentamente sobre o chão, pernas abertas, olhos fixos no trinco. Espera e esperança de que algo se mova, que o milagre de todas as manhãs se repita, mas

a boca seca, a língua sorve o que resta da umidade no palato, o estômago dói e reclama seu vazio e o fio de luz, que todos os dias se esgueira pelas frestas do telhado, já percorrera todo o aposento, anunciando despedida no avançar da penumbra. Olha ainda uma última vez para a porta, uma sombra mais escura a se destacar na grande sombra que são as paredes. Arrasta-se para a cova-berço e tenta recolher sono em seu corpo. Tentativa vã. Nauseado, uma golfada de bílis desperta-lhe os sentidos, a consciência do silêncio e os imperativos da sobrevivência. Com as mãos, arranha o chão e recolhe terra entre os dedos disformes, empurrando-a pela boca, olhos fechados, decisão dos instintos. Ajoelhado, busca os limites do território que há tanto habita. Encosta-se à parede e espera. A noite devolveu-lhe os ruídos da mata e a segurança do reconhecimento. Dormiu.

## Julgamento de Deus

“Trancaste a porta?” “Não, quem sabe encontra um jeito.” “Mas de que adianta?” “Não sei, mas quando Deus julgar, há de lembrar que coloquei nas mãos dele.” “Tá certo, mulher, fizeste bem.”

A caminhonete cheia, a pouca mobília amarada na carroceria.



## Manhã

Fome e sede movem universos. Os lábios sorveram do braço o suor, salgada bebida a lhe tornar maior o desespero. Busca socorro na esperança que a luz do dia sempre devolve. A porta, entretanto, fechada, e o chão vazio sob si são provas de que o milagre de todas as manhãs não se repetira. Debruça-se sobre o estômago, a dor lancinante e o evacuar que já não tenta conter. Novo arrastar e o instinto de se levantar, as mãos segurando o trinco, apoio necessário, e a porta cede, derrubando-o para um lado do mundo que podia supor, porém há muito esquecido. Demora a entender, a acostumar os olhos à claridade. A mesa ao centro, o fogão de pedras que abriga o tacho de cobre e uma esteira esquecida a um canto do pobre salão. Para além, nos extremos, o clarão do dia inundando pelo vão de uma porta que bate aos caprichos do vento. A indecisão imobiliza, cabeça e tronco no mundo, ventre e pernas na cela, assim dividido, estirado no chão, os olhos revirando nas órbitas, procurando enxergar algo que desconhece, mas que pressente necessário. Para onde? Por quê? Adiante o carreiro de formigas, bicho cujo gosto já provará. A visão das formigas desperta vontade e membros, a gula, o desejo. Rápido, arrasta seu corpo pelo pó do chão, e, sôfrego, toma dos insetos, punhado a punhado, para empurrá-los à boca, maçaroca venenosa que fustiga a língua grossa, a mucosa. Não importa! A natureza ordenando “come!”, e ele assim o faz, terra, formigas, depois segue o rastro, arrasta-se para mais, encontra na prateleira mais baixa o pote de açúcar, a farinha de rosca, uns poucos amendoins. Não há distinção em seu paladar, apenas enche a boca, o bucho, a terra com tudo que os seus intestinos devolvem ao chão, por onde se arrasta qual animal maldito. Do alto da estante despenca com estrondo a bilha. Dentre os cacos de cerâmica se esvai uma água que ansiosamente bebe antes que o chão a sorva. O chão é sempre mais sedento, por isso a língua busca na lama a esperança de um algo mais. Não o há. Mudo, sentado, contempla todo aquele lugar sem compreender. Não há o tinir do metal em pedra de todos os dias, tampouco o ladrar de cães. Há apenas o vento, o barulho do vento, uivando no vazio lá fora, e os ruídos em suas vísceras revoltas.

## Vontade de Deus

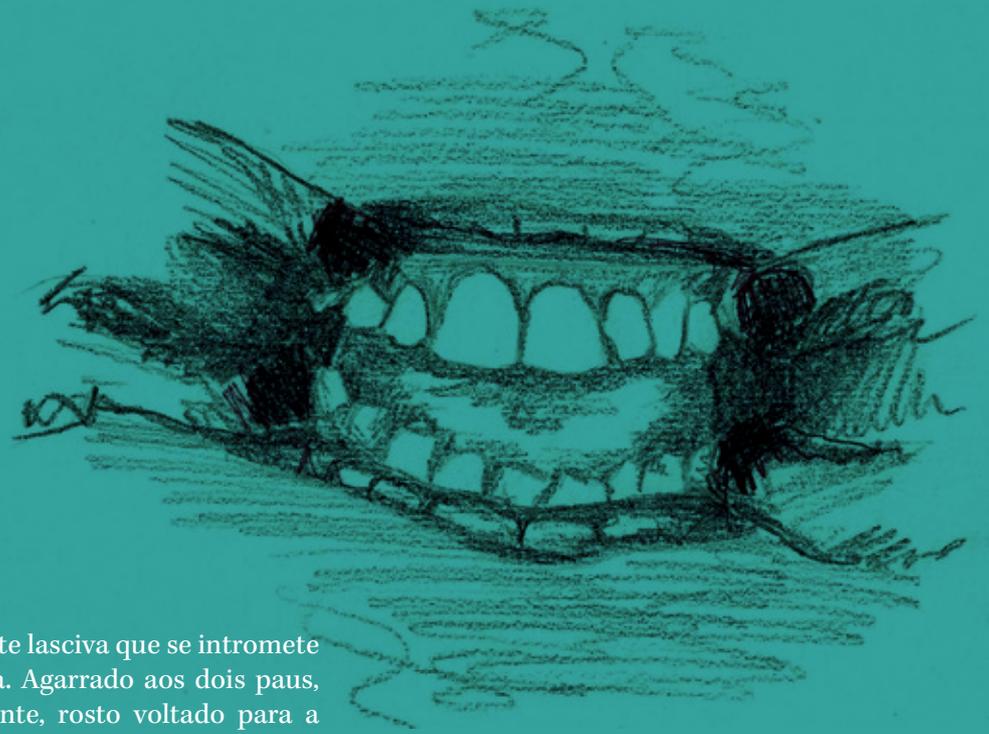
“A gente tem que voltar!” “Não, esquece!” “Esquecer como? E a culpa?” “Vontade Dele. E depois, não dá mais tempo. É tarde!”

A caminhonete cheia, a pouca mobília amarrada na carroceria. Atrás de si, apenas a poeira.

## Presente

O dia é esta serpente lasciva que se intromete pela porta da cozinha. Agarrado aos dois paus, sustenta-se cambaleante, rosto voltado para a luz. Nunca antes romperá fronteiras. Segue, entretanto, deixando às costas o som do dentro de seu peito ecoando nas paredes vazias, e a marca dos seus pés horrivelmente virados, terra, sangue e fezes misturados sob seus passos arrastados. Duas décadas abandonado às sombras fazem estrago, por isso demoram suas vistas a reconhecerem formas na paisagem. Não sabe, mas é hora do sol a pino, hora em que tudo parece mergulhado no torpor, tudo parece liquefeito. De pouco em pouco o mundo se descortina: a cerca sem serventia, o mocho, o cepo, o machado, a enorme pedra fria sob a sombra do telhado, o terreiro vazio dos bichos, uma estática de abandono suspensa no ar. Estranha a ausência dos ruídos, das formas cujas sombras se insinuavam vez e outra nas bordas das paredes da sua cela. Sabia dos outros, suspeitava-os parecidos consigo. A existência daquele braço redentor, e as vozes que aprendera a distinguir, alimentavam esta suspeita, que de tanto ruminada, transformara-se em pensamento. Do pretérito sobrara pouco mais que nada.

Parado assim, incerto sobre o peito dos seus pés horrivelmente virados, o corpo curvado, encorando-se sobre os dois paus, investiga a paisagem. Ao longe, araucárias pontilham as costas dos morros. Vira o rosto, lento e temeroso, buscando resposta à pergunta não formulada; segurança em algo que pudesse reconhecer como parte do seu mundo. Mas não há nada. Uma força no peito, quase uma dor, começa a crescer, a se revolver, os joelhos se dobram, o corpo sacode, convulsiona-se, as mãos se crispam nos paus, o sexo pulsa e dói, e sua garganta é tomada por um corpo de som que irrompe no mais fundo de si, incha-lhe as veias, força-lhe a boca e rebenta no mundo como grito grave e profundo, primitivo, capaz de lhe despertar os instintos para um misto de excitação e loucura, desejo e conquista, para uma espécie de entendimento atávico. Tudo em seu corpo lateja. Em um impulso inesperado, começa a se mover o mais rápido que suas dores permitem. Atravessa o pequeno sítio diante da tapera e alcança a rua, modorrenta, os calhaus queimando como brasa. Com força, suas mãos prendem-se aos paus que lhe servem como remos na estrada, puxando seu corpo pesado e



machucado pelo Sol, que nunca lhe tocara a pele assim, senão nos poucos momentos em que uma fresta da cela lhe permitia senti-lo, morno, sobre um pedaço do braço ou da coxa. Rebento maldito, castigo divino, avança mais depressa na estrada, como um animal que pressente a tempestade e busca abrigo seguro. Os calhaus lacerando a pele dos pés, o ar lhe faltando nos pulmões, o suor embaçando a visão. Compreende que a despeito do cansaço, das dores bestiais, dos apelos das vísceras, precisa ir mais depressa, mais depressa. Mesmo o enorme estrondo atrás de si não é suficiente para fazê-lo parar, pelo contrário, este estrondo, cada vez maior e mais próximo, empurra-o adiante, os paus vergando, tamanha a força dos braços que lhe puxam o corpo. Não demora as pernas não lhe sustentam mais, e dobram. Em transe, arrasta-se tão depressa quanto corria, esfolando joelhos, coxas, sexo e cotovelos. Todo seu ventre é agora uma mistura de sangue e pó. Já não consegue mais distinguir formas, cores. O mundo resumido ao brilho dos calhaus e à pressão do coração que parece não caber no peito. O estrondo de vagas rolando cada vez maior, cada vez mais próximo, ensurdecendo, até tomá-lo pelas costas, golpeá-lo com força e levantá-lo do chão como se fosse uma folha seca. Em meio ao turbilhão, é rolado e jogado para todas as direções. Escancara a boca no desespero por um hausto de ar, mas seus pulmões se preenchem também desta massa que lhe envolve. Por fim, um estampido estoura dentro da sua cabeça, e este estampido é a última coisa que lhe acontece.

## A casa de Deus

“Te disse, mulher, que não prestava voltar!”

A mulher, incrédula, mira o horizonte transformado em imenso lago. Lá adiante, espiando sobre a lâmina turva, as duas torres da igreja matriz. A tapera ficava logo atrás.

*(Viegas Fernandes da Costa  
é professor de História e  
escritor, Imbituba/SC)*